

2.º CICLO

MESTRADO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO

Desenho A no 10.º ano do CCH de Artes Visuais: os desafios de uma introdução à ilustração

Catarina Andreia Serôdio e Silva

M

2021



Catarina Andreia Serôdio e Silva

Desenho A no 10.º ano do CCH de Artes Visuais: os desafios de uma introdução à ilustração
Relatório apresentado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do
Porto e Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre
em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Orientador: Professor Doutor Pedro Ferreira

Professora Cooperante: Virgínia Fonseca

Escola Secundária Viriato

Agradecimentos

Agradeço a todos, os que de alguma forma foram apoiando o meu percurso não só durante o Mestrado, como, também, ao longo da minha vida escolar.

À minha família, por me ter apoiado sempre e incondicionalmente.

Aos meus pais, por fazerem de mim a pessoa que sou e pelo exemplo que dão todos os dias. Por serem o meu melhor e maior exemplo de educação.

À minha irmã Anita, pelas brincadeiras, conversas e apoio nas decisões.

Ao Filipe, por estar sempre presente e me encorajar a continuar.

Ao fantástico grupo de amigas - Rita, Tixa, Rute, Raquel e Joana. Pelo apoio e espírito de entreajuda. E por me aturarem!

Ao meu orientador, professor doutor Pedro Ferreira pela disponibilidade e orientação ao longo deste trabalho.

À professora Virgínia por partilhar comigo a sua experiência. Pela sua sinceridade. E pela sua abertura a novas experiências e novas abordagens.

À professora Fátima por voltar a iluminar o meu amor pela Geometria Descritiva.

Aos alunos do 9.º B da Escola Secundária Viriato, por me acolherem nas suas aulas de Educação Visual.

Aos alunos do 10.º E da Escola Secundária Viriato, por me acolherem nas suas aulas de Desenho A e Geometria Descritiva A e pelo seu empenho na realização dos trabalhos e na concretização do projeto interdisciplinar.

Resumo

O presente relatório intitulado “Desenho A no 10.º ano do CCH de Artes Visuais: os desafios de uma introdução à ilustração”, decorre do Estágio Pedagógico realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, em parceria com a Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto, no ano letivo de 2020/2021.

Tendo em conta as preocupações sentidas relativamente ao ensino em artes visuais e da experiência em contexto de estágio proporcionada na Escola Secundária Viriato, este documento reúne o que foram os pontos principais e essenciais desse contacto, no qual se explorou, com uma turma do 10.º ano de escolaridade do curso de Artes Visuais, a ilustração. A proposta de atividade(s) que visava(m) despertar o potencial criativo dos alunos implicou a criação de uma Unidade de Trabalho (UT) cujo tema principal era a Ilustração. Foi escolhida a obra “Farsa de Inês Pereira”, de Gil Vicente, estudada na disciplina de Português, para os alunos ilustrarem. Esta UT resultou num conjunto de ilustrações únicas das cenas da obra, tendo sido encerrada com uma exposição, aberta à comunidade, dos trabalhos realizados pelos alunos. Também foi criado um website com as referidas ilustrações, em formato de livro digital.

No presente relatório, apresentam-se as motivações pessoais e relevância do tema – a ilustração –, bem como os aspetos relevantes que nortearam a tomada de decisões, seja no que respeita à investigação, seja na apresentação da proposta pedagógica. A observação das atividades letivas/assistência a aulas lecionadas pela professora cooperante, permitiu o conhecimento de cada um dos alunos e da turma como um todo, fundamental para a planificação da Unidade de Trabalho proposta e a criação de instrumentos de trabalho e de avaliação adequados à turma e a cada um dos alunos.

Palavras-chave: Desenho; Ilustração; Cultura Visual; Literacia Visual; Criatividade;

Abstract

This report entitled "Desenho A no 10.º ano do CCH de Artes Visuais: os desafios de uma introdução à ilustração", derives from the Pedagogical Internship conducted as part of the Master's in Teaching Visual Arts in the 3rd cycle of basic education and secondary education, from the Faculty of Psychology and Education Sciences, in partnership with the Faculty of Fine Arts at the University of Porto, in the academic year 2020/2021.

Given the concerns felt regarding the teaching of visual arts and the experience in the internship context provided at Viriato Secondary School, this document brings together what were the main and essential points of that contact, in which illustration was explored with a 10th grade class of the Visual Arts course. The proposal of activity(ies) aimed at awakening the students' creative potential implied the creation of a Work Unit (WU) whose main theme was Illustration. The piece "Farsa de Inês Pereira" by Gil Vicente, studied in Portuguese class, was selected for the students to illustrate. This WU resulted in a set of unique illustrations of scenes from the piece, and ended with an exhibition, open to the community, of the work done by the students. A website was also created with these illustrations, in digital book format.

In this report, the personal motivations and relevance of the theme - illustration - are presented, as well as the relevant aspects that guided the decision making, both in terms of research and in the presentation of the pedagogical proposal. The observation of teaching activities/attendance to classes taught by the cooperating teacher enabled the understanding of each student and the class as a whole, essential for the planning of the proposed Work Unit and the creation of working and assessment tools appropriate to the class and each student.

Keywords: Drawing; Illustration; Visual Culture; Visual Literacy; Creativity;

Résumé

Ce rapport intitulé "Desenho A no 10.º ano do CCH de Artes Visuais: os desafios de uma introdução à ilustração", est le résultat de la Formation Pédagogique réalisée dans le cadre du Master en Enseignement des Arts Visuels du 3ème cycle de l'éducation de base et de l'enseignement secondaire, Faculté de Psychologie et Sciences de l'Éducation, en partenariat avec la Faculté des Beaux-Arts de l'Université de Porto, au cours de l'année académique 2020/2021.

Compte tenu des préoccupations ressenties par rapport à l'enseignement des arts visuels et de l'expérience dans le cadre du stage dispensé à l'École Secondaire de Viriato, ce document rassemble ce qui a été les points principaux et essentiels de ce contact, dans lequel l'illustration a été explorée avec une classe de 2ème année du cours d'Arts Visuels. La proposition d'activité(s) visant à éveiller le potentiel créatif des étudiants a impliqué la création d'une Unité de Travail (UT) dont le thème principal était l'Illustration. L'œuvre "Farsa de Inês Pereira" de Gil Vicente, étudiée dans la classe de portugais, a été choisie pour être illustrée par les élèves. Ce TU a donné lieu à un ensemble d'illustrations uniques de scènes de l'œuvre, s'étant clôturé par une exposition, ouverte à la communauté, du travail réalisé par les étudiants. Un site web a également été créé avec les illustrations référencées, sous forme de livre numérique.

Dans ce rapport, les motivations personnelles et la pertinence du thème - l'illustration - sont présentées, ainsi que les aspects pertinents qui ont guidé la prise de décision, tant en ce qui concerne la recherche que la présentation de la proposition pédagogique. L'observation des activités d'enseignement/la participation aux classes enseignées par l'enseignant coopérant, a permis la compréhension de chacun des élèves et de la classe dans son ensemble, fondamentale pour la planification de l'Unité de Travail proposée et la création d'outils de travail et d'évaluation appropriés à la classe et à chacun des élèves.

Mots-clés : Dessin ; Illustration ; Culture visuelle ; Littératie visuelle ; Créativité;

Abreviaturas

FPCEUP - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

FBAUP - Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

MEAV - Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

ESV – Escola Secundária Viriato

CNU – Comissão Nacional da UNESCO

E@D - Ensino à Distância

CCH - Cursos Científico-Humanísticos

ASE - Ação Social Escolar

SPO - Serviços de Psicologia e Orientação

SS - Serviço Social

UT - Unidade de Trabalho

UC - Unidade Curricular

PAA - Plano Anual de Atividades

PEE - Projeto Educativo de Escola

Índice

Agradecimentos	2
Resumo	3
Abstract	4
Résumé	5
Abreviaturas	6
Índice	7
Índice de Figuras	8
Índice de Apêndices	9
Introdução	10
I. Enquadramento Contextual do Estágio Pedagógico	13
1.1. A Turma do 10.º E do curso de Artes Visuais	16
II. Enquadramento da Problemática do Estágio Pedagógico: o Ensino das Artes Visuais, a Disciplina de Desenho A e a Ilustração	18
2.1. Cultura Visual e Literacia Visual	22
2.2. A Ilustração e a Criatividade	26
2.3. A Identidade do aluno e as suas referências pessoais	29
2.3.1. Apropriação da Imagem	31
III. Apresentação e Fundamentação da Metodologia de Intervenção e Investigação no Estágio Pedagógico	33
3.1. Motivações Pessoais e Relevância do Tema	34
3.2. Observação Direta e Participativa	35
IV. A Proposta Pedagógica: Ilustração da Farsa de Inês Pereira	43
4.1. Planificação da Proposta Pedagógica	44
4.1.1. Preparação e Implementação da Proposta Pedagógica	45
4.2. Questionário	55
4.3. Opinião dos Alunos	56
4.4. Divulgação dos Trabalhos Realizados pelos Alunos	58
V. Reflexões Finais	61
VI. Referências Bibliográficas	66
Referências Legislativas	69
Documentos Estruturantes da Escola Secundária Viriato	69

Índice de Figuras

Fig. 1 e 2 - Folhas, recortadas, de diferentes tipos e gramagens, colocadas dentro de envelopes individuais

Fig. 3 e 4 - Caixa com folhas a entregar aos alunos; Alguns dos materiais levados para a aula

Fig. 5 e 6 - Alguns dos materiais levados para a aula; Caixa com diversos diluentes

Fig. 7 - Exposição dos postais de Natal criados pelos alunos do 10.º E do curso de Artes Visuais

Fig. 8 - Aula de experimentação de materiais: grafite, carvão, lápis de cor e pastel seco

Fig. 9 - Círculo Cromático criado pelos alunos, com apoio das professoras da disciplina de Desenho A

Fig. 10 e 11- Ana Serôdio Silva fala do seu percurso no mundo da ilustração, desde o 10.º ano no curso de Artes Visuais

Fig. 12 e 13 - Filipe Cardoso fala do seu percurso no mundo da ilustração, desde o 10.º ano no curso de Artes Visuais

Fig. 14 - Os convidados colocavam os seus trabalhos numa mesa, onde os alunos, em grupos de três, os poderiam visualizar

Fig. 15 - Pirâmide representativa do grau de intervenção das personagens na ação da farsa

Fig. 16, 17, 18 e 19 - Screenshots de páginas do livro digital com as ilustrações dos alunos

Fig. 20 e 21 - Organização dos trabalhos dos alunos do 10.º E para a exposição “Ilustração da ‘Farsa de Inês Pereira’: uma (re)interpretação”

Fig. 22, 23 e 24 - Montagem da exposição “Ilustração da ‘Farsa de Inês Pereira’: uma (re)interpretação”

Fig. 25 - Exposição “Ilustração da ‘Farsa de Inês Pereira’: uma (re)interpretação”

Índice de Apêndices

Apêndice I . Diário Gráfico

Apêndice II . Lápis de Cor

Apêndice III . Grafite

Apêndice IV . Plano da Unidade de Trabalho n.º 1 do 3.º Período: “Ilustração da Farsa de Inês Pereira”

Apêndice V . “Ilustração” - Powerpoint de Apresentação da Ilustração, início da UT

Apêndice VI . “Ilustração da Farsa de Inês Pereira” - Enunciado da UT

Apêndice VII . Documento de Atribuição de Cenas

Apêndice VIII . Critérios de Avaliação da UT

Apêndice IX . Análise e Avaliação dos Trabalhos Realizados pelos Alunos

Apêndice X . Grelha de Avaliação da UT

Apêndice XI . Questionário

Apêndice XII . Reflexões Críticas dos Alunos Relativamente ao Trabalho Realizado na UT

Apêndice XIII . *Website* com os Trabalhos Finais dos Alunos em Formato de Livro Digital

Apêndice XIV . Ficha de Avaliação sobre o desempenho do estagiário

Apêndice XV . Certificados *webinars*

Introdução

O presente relatório representa o culminar do que foi a experiência vivida durante a frequência do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário (MEAV), da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), com a duração de dois anos letivos.

No 1.º Semestre do 1.º ano do MEAV as aulas das Unidades Curriculares (UCs) foram presenciais, ao contrário do 2.º Semestre em que, com surgimento da pandemia causada pelo COVID-19, foi introduzido o ensino à distância. As diferentes UCs do MEAV levaram a que se iniciassem diversos diálogos interiores relativamente a vários dos temas discutidos, ao levantamento de questões sobre as quais foi preciso refletir e realizar investigações. O 2.º ano do MEAV é constituído por duas UCs, Relatório e Estágio Pedagógico, tendo este sido realizado na Escola Secundária Viriato, na cidade de Viseu. Este Relatório foi construído com apoio em conhecimentos adquiridos durante o 1.º ano do MEAV, na experiência de estágio pedagógico e na relação com a comunidade escolar, na investigação e estudo de autores e, ainda, na experiência pessoal.

O presente relatório inicia-se com o *Enquadramento Contextual do Estágio Pedagógico* (Capítulo I), onde, com base nos documentos estruturantes da escola (Regulamento Interno, Projeto Educativo e Plano Anual de Atividades), se faz um breve enquadramento geral e a caracterização da escola, nomeadamente a sua história e localização, descrição do meio local circundante, uma breve menção à sua estrutura organizativa, aos seus princípios orientadores e, ainda, uma breve referência a atividades do Plano Anual de Atividades (PAA).

No *Enquadramento da Problemática do Estágio Pedagógico* (Capítulo II), o relatório foca-se na investigação e estudo de temas considerados pertinentes para o desenvolvimento do mesmo e para o desenvolvimento da unidade de trabalho criada, na disciplina de Desenho A, para uma turma do 10º ano de escolaridade. Considerando que a cultura visual dos alunos

tem grande impacto na sua educação artística, revelou-se importante pesquisar sobre o assunto, que, por consequência, levou à investigação sobre o conceito de Literacia Visual. Sendo que a unidade de trabalho criada tinha como base a Ilustração, considerou-se necessário compreender esta prática artística e estudar que benefícios traria para as aulas de Desenho A e para os alunos do 10.º ano do curso de Artes Visuais. A abordagem aos conceitos de Cultura Visual e Literacia Visual, remeteu para uma breve reflexão sobre a identidade do aluno e as suas referências pessoais, o que conduziu a uma pequena reflexão sobre o tema da apropriação da imagem, assunto que foi apresentado e discutido nas aulas de Desenho A do 10.º ano.

Na *Apresentação e Fundamentação da Metodologia de Intervenção e Investigação no Estágio Pedagógico* (Capítulo III), discutem-se as motivações pessoais que levaram à escolha do tema a desenvolver/investigar e sua relevância. A observação direta e participativa nas aulas assistidas durante o Estágio Pedagógico realizado em turmas do 9.º ano e 10.º ano de escolaridade constituem o 2.º ponto deste capítulo, onde se reconta a experiência como professora-estagiária, as atividades desenvolvidas, constrangimentos e soluções encontradas, entre outros aspectos.

No Capítulo IV, discute-se a Proposta Pedagógica apresentada durante o Estágio Pedagógico, apresentando-se a sua planificação, preparação e implementação, bem como dos recursos de apoio para o desenvolvimento da mesma e para uma aferição inicial dos conhecimentos dos alunos. Encerra-se o capítulo com a apresentação do processo de divulgação destes trabalhos, em modo presencial na escola e em modo virtual, em formato de livro digital.

O presente relatório termina com reflexões finais sobre o estágio curricular e a relação com os outros elementos da comunidade escolar, a proposta pedagógica apresentada e desenvolvida com a turma de 10.º ano de escolaridade do curso de Artes Visuais, os constrangimentos com que me deparei durante este estágio pedagógico, a pandemia atual e

implicações tanto na vida pessoal como na vida escolar e/ou profissional de todos, e, ainda, como este estágio pedagógico culmina numa experiência enriquecedora tanto em termos pessoais como profissionais.

I. Enquadramento Contextual do Estágio Pedagógico¹

A Escola Secundária Viriato, uma das três escolas secundárias da cidade de Viseu, iniciou o seu funcionamento no dia 25 de outubro de 1985. Acolhe turmas do ensino secundário e do 3.º ciclo do ensino básico.

É uma escola situada na periferia da cidade, pelo que a sua área de influência estende-se a freguesias semiurbanas e rurais, servindo a população de estatuto social mais baixo das localidades espalhadas e com infraestruturas menos eficientes e com uma rede de transportes públicos muito limitada, o que obriga os alunos que aí residem a ir para a escola muito cedo pela manhã e a permanecer na escola até muito tarde. Maioritariamente, a ocupação profissional dos pais é distribuída pelas atividades dos setores agrícola, da construção civil e terciário. Este factor, associado a um baixo/médio nível de escolaridade dos pais, tem significativo impacto nas motivações/expectativas dos alunos e, consequentemente, no seu rendimento escolar.

A escola integra um número significativo de alunos provenientes de países estrangeiros, descendentes de imigrantes, na sua maioria jovens de países de língua materna portuguesa (Brasil, Angola, etc.) ou de outros países europeus (Alemanha, Suíça, Ucrânia, Rússia, etc.). No presente ano letivo, há alunos de onze nacionalidades diferentes na Escola Secundária Viriato.

Existe uma significativa percentagem de alunos pertencente a contextos socioeconómicos mais desfavorecidos, que são, anualmente, apoiados pelos Serviços de Ação Social Escolar (ASE). No presente ano letivo, beneficiam de ASE cerca de 27% do total dos alunos.

¹ Capítulo elaborado com base nos documentos estruturantes da Escola Secundária Viriato, nomeadamente Regulamento Interno, Projeto Educativo e Plano Anual de Atividades

Torna-se, então, fundamental para o apoio à ação educativa, a intervenção dos Serviços de Psicologia e Orientação (SPO) e do Serviço Social (SS).

No ano letivo 2020/2021, a escola tem em funcionamento quarenta turmas.

A Escola Secundária Viriato valoriza a Inclusão e procura prestar um serviço de excelência, contribuindo para o desenvolvimento integral de jovens conscientes, com uma sólida formação científica, técnica/tecnológica e cultural, e cuja postura se rege por valores de humanidade, civismo e sustentabilidade, capazes de terem iniciativa e se envolverem pró-ativamente em projetos e parcerias nacionais e internacionais.

Nesse sentido, procura criar condições para que todos e cada um dos alunos tenham oportunidades de aprender e de se desenvolverem, indo ao encontro das necessidades e potencialidades de cada aluno. São implementadas medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão de vários níveis. São várias as turmas que integram alunos com necessidades educativas especiais, com medidas seletivas e/ou adicionais.

O Projeto Educativo de Escola (PEE) da Escola Secundária Viriato, que se encontra em fase de revisão, preconiza uma educação que tem em consideração a diversidade e a complexidade humana, e nas metas que estabelece está patente a promoção de valores como: liberdade, responsabilidade e integridade; valorização do trabalho, excelência e de exigência; desenvolvimento da curiosidade; reflexão e inovação; consciência de si próprio; inserção familiar e comunitária; cidadania e participação na sociedade, com respeito pelos outros e pela diversidade do mundo.

O PEE preconiza a necessidade de os alunos desenvolverem competências nas seguintes áreas: o saber e o rigor; o respeito e a solidariedade; a responsabilidade e a valorização do esforço pessoal; a promoção da cultura e do sentido estético, da saúde, da segurança e da sustentabilidade ambiental, indo claramente ao encontro do *Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

Porque compete à Escola criar oportunidades para que qualquer cidadão eleve a sua escolarização e adquira ou aprofunde o desenvolvimento de competências que o tornem mais habilitado para encarar uma sociedade mais competitiva e subordinada à qualidade, a Escola Secundária Viriato estabeleceu como objetivos da sua missão, promover condições de equilíbrio entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade e o sentido crítico, que preparem os seus jovens para serem pessoas autónomas e responsáveis, e cidadãos ativos, num mundo global caracterizado pela mudança.

Em termos mais específicos, estão expressas no PEE as metas estratégicas da Escola Secundária Viriato, a promoção do sucesso educativo, reduzindo o abandono e o insucesso escolar, a promoção da igualdade de oportunidades no acesso ao currículo, a discriminação positiva e o reforço da participação e do envolvimento na e da comunidade.

A análise de vários documentos estruturantes da Escola, nomeadamente o PEE, o Plano de Melhoria e o Plano Anual de Atividades, evidencia coerência em torno das Áreas de Intervenção transversal definidas pelo primeiro: Formação integral do aluno (formação pessoal e social); Resultados escolares; Educação inclusiva; Supervisão do processo educativo; Envolvimento da comunidade na vida da Escola / Parcerias.

O Plano Anual de Atividades da Escola (PAA) procura responder aos princípios e metas estabelecidos no PEE e é habitualmente muito rico e diversificado, como pude verificar pela consulta dos PAA de anos anteriores. Em todos anos, as atividades de natureza artística, a par das de natureza científica, desportiva e cultural, foram muitas e diversificadas, nomeadamente de dança, teatro, poesia, música e artes visuais. Também existe o “Clube das Artes Plásticas” que, no presente ano letivo, dadas as restrições impostas, não pode desenvolver normalmente a sua atividade. Muitas das atividades inscritas no PAA para o presente ano letivo foram adaptadas à nova realidade do ensino à distância.

Do PAA destaco, em particular, os “*Encontros da Viriato*”. Os *Encontros* são realizados bienalmente e são um momento especial de comunhão de toda comunidade educativa. Nestes

dias, a escola abre-se ao exterior de uma maneira diferente. Atividades planificadas e realizadas pelos alunos são apresentadas à comunidade educativa e a alunos de outras escolas. Realizam-se *workshops*, seminários, palestras, exposições, etc. Os alunos de artes, além da exposição de trabalhos, realizam “aulas/trabalhos ao vivo”, fazem workshops para outros alunos, da própria escola ou de outras escolas, e, até, para outros elementos da comunidade educativa.

1.1. A Turma do 10.º E do curso de Artes Visuais ²

Das três escolas secundárias de Viseu, duas oferecem o curso de artes visuais. Os órgãos de gestão da escola, reconhecendo a importância do curso de artes visuais, mantêm-no sempre na sua oferta formativa. Ao longo dos anos, este curso é procurado por alunos de outros concelhos, sendo que no presente ano letivo, oito alunos das turmas do curso de artes visuais residem em concelhos limítrofes.

A turma do 10.º E é constituída por vinte e um alunos, catorze raparigas e sete rapazes, cuja média etária é de 15 anos. No que concerne à escolaridade dos progenitores, verifica-se que:

- pais: 28% com ensino superior; 22% com ensino secundário; 17% com 3.º ciclo; 22% com 2.º ciclo; 11% com 1.º ciclo.
- mães: 33% com ensino superior; 22% com ensino secundário; 17% com 3.º ciclo; 22% com 2.º ciclo; 6% com 1.º ciclo.

A média etária dos pais e das mães ronda os 50 anos de idade.

Quatro alunos são de nacionalidade estrangeira; três alunos têm necessidades de medidas de suporte à aprendizagem, sendo que um usufrui de medidas seletivas e dois de medidas adicionais, sendo que os dois últimos, em virtude das suas necessidades de saúde

² Ponto elaborado com base em dados recolhidos no documento “Caracterização da Turma”, disponibilizado aos professores do Conselho de Turma

especiais, frequentam o centro de apoio às aprendizagens, onde são acompanhados por professores, de educação especial e outros, de onde assistem remotamente a algumas das aulas da turma e onde frequentam atividades substitutivas e outras com vista à sua inclusão e à sua transição para a vida pós-escolar.

Dos vinte e um alunos da turma, três usufruem dos benefícios do escalão A da Ação Social Escolar e dois alunos do escalão B.

A maior parte dos alunos da turma do 10.º E tem como projeto académico o estudo da Arquitetura ou do Design.

II. Enquadramento da Problemática do Estágio Pedagógico: o Ensino das Artes Visuais, a Disciplina de Desenho A e a Ilustração

Todos os seres humanos têm potencial criativo. A arte proporciona uma envolvente e uma prática incomparáveis, em que o educando participa activamente em experiências, processos e desenvolvimentos criativos. [...] Além disso, a educação na arte e pela arte estimula o desenvolvimento cognitivo e pode tornar aquilo que os educandos aprendem e a forma como aprendem, mais relevante face às necessidades das sociedades modernas em que vivem. (Comissão Nacional da UNESCO [CNU], 2006, p.6)

Desde o início deste estágio pedagógico, que houve interesse em abordar diversas temáticas relacionadas com as artes visuais. De modo a conseguir responder aos objetivos pretendidos, realizou-se uma seleção das que se enquadravam na disciplina de Desenho A, no 10.º ano de escolaridade. Sendo a ilustração o tema central da proposta pedagógica apresentada, afigurou-se pertinente abordar o conceito de literacia visual, por se considerar que esta temática exerce forte influência no trabalho de quem realiza ilustrações. Nesse sentido, revelou-se essencial estudar o tema da ilustração como meio de expressão, a sua importância no desenvolvimento da criatividade.

Analisando o Programa e as Aprendizagens Essenciais da disciplina de Desenho A do 10.º ano de escolaridade, pode verificar-se que as competências a desenvolver são apontadas dentro de uma tricotomia global, “Ver-Criar-Comunicar”. Observar e analisar é entendido como o aluno ser capaz de “observar e registar com elevado poder de análise, tendo em

atenção as singularidades presentes e a forma como estas se relacionam com outras, bem como a integração de todas num todo ou unidade decomponível em elementos estruturais” (Ramos et al, 2001, p.10). O aluno deverá, também, saber manipular e sintetizar, querendo isto dizer que o aluno deverá estar “apto a aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correcção e a criar imagens” (Ramos et al, 2001, p.10). Por fim, o aluno deverá saber interpretar e comunicar, ou seja, deverá conseguir “ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção em metodologias de trabalho faseadas” (Ramos et al, 2001, p.10). Para conseguir ensinar e transmitir estas competências aos alunos, o professor de artes visuais deverá ter uma *boa educação visual*, sendo fundamental ter uma "mente aberta", no sentido em que deve aceitar e procurar a inovação e desafiar as suas próprias ideias, num processo de permanente aprendizagem de forma a poder acompanhar o desenvolvimento/evolução do Mundo e em particular, do universo das artes. É, pois, fundamental que saiba como olhar para uma imagem, analisar, compreender e metabolizar a mesma, de modo a conseguir reelaborá-la numa fantasia e exteriorizar a própria interpretação de forma criativa. Estas são capacidades que uma boa formação escolar em Artes Visuais garante que sejam desenvolvidas, de modo a preparar adultos conscientes (Barbera, 2016).

A cultura e a arte são componentes essenciais de uma educação completa que conduza ao pleno desenvolvimento do indivíduo. Por isso a Educação Artística é um direito humano universal, para todos os aprendentes, incluindo aqueles que muitas vezes são excluídos da educação, como os imigrantes, grupos culturais minoritários e pessoas portadoras de deficiência. (CNU, 2006, p.5)

No ensino das Artes Visuais no ensino secundário, assim como no das restantes áreas disciplinares, existe a probabilidade de o professor encontrar alunos apáticos e/ou desmotivados, que reconhecem não encontrar nenhum estímulo nas atividades propostas.

Obviamente que este tipo de situações causa constrangimentos de vária ordem ao professor, tendo de se procurar e, muitas vezes, criar novas estratégias de forma a tentar envolver (cognitiva e emocionalmente) todos e cada um dos alunos da turma e, assim, estimular a criatividade de cada um (Barbera, 2016). De certa forma, o professor tenta “persuadir” os alunos, e “[...] persuadir é influenciar por meio da palavra e do gesto, é seduzir a mente e o coração ao mesmo tempo. Nesse sentido, o trabalho docente é um verdadeiro trabalho emocional” (Gauthier, 1999, p. 19-20).

O programa da disciplina de Desenho A, refere que o desenho “[...] não é apenas aptidão de expressão ou área de investigação nos mecanismos de percepção, de figuração, ou de interpretação[...]”, mas que é, também, uma “[...] forma de reagir, é atitude perante o mundo que se pretende atenta, exigente, construtiva e liderante.” (Ramos et al., 2001, p. 3). Ramos et al. (2001), consideram que o desenho “[m]arca ontologicamente o jovem estudante no sentido em que concorre para que este venha a ser um profissional responsabilizado perante a mais valia com que a proposta gráfica enriquece a dinâmica social” (Ramos et al., 2001, p. 3), ajudando a que o aluno se torne mais capaz de ver criticamente e de intervir na interação cultural.

Existe hoje em dia uma separação cada vez maior entre o desenvolvimento cognitivo e o emocional, que reflecte o facto de, nos ambientes educativos, se atribuir uma maior importância ao desenvolvimento das capacidades cognitivas, valorizando menos os processos emocionais. [...] O desenvolvimento emocional faz parte integrante do processo de tomada de decisões e funciona como um vector de acções e ideias, consolidando a

reflexão e o discernimento. Sem um envolvimento emocional, qualquer acção, ideia ou decisão assentaria exclusivamente em bases racionais. Um saudável comportamento moral, que constitui o alicerce sólido do cidadão, exige a participação emocional. O Prof. Damásio sugere que a Educação Artística, ao promover o desenvolvimento emocional, pode proporcionar um maior equilíbrio entre o desenvolvimento cognitivo e emocional, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma cultura da paz. (CNU, 2006, p.7)

As artes, no geral, despertam curiosidade e estimulam a imaginação e a criatividade. Segundo o Programa de Desenho A, esta é uma disciplina motivadora por si só, “onde a maturação bio-psico-social se processa com oportunidade, sem oprimir ou ultrapassar as complexidades crescentes e em conflito que caracterizam a sociedade” e “que permite ou auxilia com sucesso o processo contínuo de integração dos adolescentes [...] pela atração que a área pode exercer [...]” (Ramos et al., 2001, p. 3). Assume, ainda, o desenho como uma “área disciplinar dinâmica esquivada às sistematizações rígidas ou permanentes” (Ramos et al., 2001, p.4), focando-se em três áreas de exploração: a perceção visual (que se debruça sobre as condicionantes bio-psicológicas), a expressão gráfica (que se debruça sobre o domínio das convenções sociais ou culturais) e a comunicação visual (que se debruça sobre o estudo do desenho, quer contemporâneo quer ao longo dos tempos). Pretende-se que estas desenvolvam, no seu conjunto, conteúdos como: a visão, a partir do tema da perceção visual e do mundo envolvente; os materiais, englobando os suportes, os meios atuantes e a infografia; os procedimentos, atendendo-se às questões das técnicas e ensaios; e a sintaxe, focando-se em questões relacionadas com a forma, a cor, o espaço e o volume, bem como com o movimento, o dinamismo e o sentido, e ainda com as questões da interpretação e do uso do desenho (Ramos et al., 2001, p. 5).

A disciplina de Desenho A apresenta-se como determinante não só para o desenvolvimento das competências da comunicação visual, mas, também, para as atividades desenvolvidas pelos alunos que, com recurso ao desenho e às diferentes formas/meios de expressão visual, são instrumentos de conhecimento e interrogação face à realidade experienciada pelo aluno, contribuindo para o seu desenvolvimento global.

2.1. Cultura Visual e Literacia Visual

Atualmente, destacam-se várias teorias da educação artística que se inspiram na estética da História de Arte, na Filosofia, na Psicologia e na Crítica de Arte. A Educação Artística nos nossos dias tanto se apodera de obras de arte de diferentes momentos históricos como da própria cultura vigente, sendo postulada pelos enigmas da Cultura Visual e tendo como objetivo principal o alfabetismo visual crítico. Deste modo, concorre-se para um ensino que visa essencialmente a promoção de uma visão crítica do mundo. (Hernández, 2007)

Fernando Hernández refere que a cultura visual “[...] é um campo recente de estudos sobre a ‘construção do visual nas artes, nos media e na vida quotidiana’” (Hernández, 2007, p.19). Compreende-se, então, que a cultura visual desempenha um papel essencial na aquisição de um melhor conhecimento da linguagem visual.

A rápida mudança de tendências, e das suas linguagens visuais específicas, e o impacto das mesmas na vida quotidiana, acabam, de alguma forma, por afetar a visão/compreensão do mundo que rodeia os indivíduos e, naturalmente, a sua construção enquanto pessoas e cidadãos. Neste processo, a educação artística exerce a sua função principal, na capacidade de, citando María Acaso, “[...] desconsolidação da imagem-mundo” (Acaso, 2009, p. 35), ou

seja, numa tarefa de “desfragmentação” da realidade de forma a que esta seja entendida individualmente. O Programa da disciplina de Desenho A do 10.º ano de escolaridade, refere que, tendo em conta a constante mudança do mundo e da sociedade, o desenho assume-se como “piloto na área emergente da «educação para a cidadania»” e que a “sua pedagogia é geradora de posturas, de debates, de crítica, de exposições, de confrontos”, estimulando o desenvolvimento estético dos alunos e apura o sentido da qualidade na apreciação ou recriação da forma (Ramos et al., 2001, p. 3). O Programa assume que, graças à “naturalidade” do desenho, “[...] surgem no estudante a interiorização da aceitação da diferença e a abertura à inovação, intermediada pelo exercício esclarecido e humanista da sua didática” (Ramos et al., 2001, p. 3).

Neste Momento a Educação Artística passa por um período em que se sente a necessidade de compreender o que ocorre à nossa volta, de o reter no nosso raciocínio e na reflexão crítica, no turbilhão de ideias e imagens que têm impactos diários na nossa inteligência. (Agirre, 2005)

O Programa propõe, então, ao professor a criação de “modos de olhar o mundo capazes de perscrutar as suas aparências e estereótipos” (Ramos et al, 2001, p. 4), caracterizando como insubstituível o papel do professor, responsável pela criação de um espaço de formação com os alunos através do “contágio do pensamento e do agir comunicativo”, numa “ação como criador/autor, gerando ambiente oficial que se pode caracterizar dentro do chamado «currículo oculto» [...] e, ainda, evitando inibir potencialidades («currículo omissivo ou nulo»)” (Ramos et al, 2001, p.4).

Provavelmente sob a influência duradoura da semiótica nos estudos literários e culturais, [...] estudiosos desempenharam um papel ativo nas tentativas de

*teorizar a noção de literacia visual, que surgiu como um termo companheiro para a noção-chave de “mudança pictórica”.*³ (Baetens, 2013, p. 181)

A definição básica do termo “literacia visual” é a capacidade de ler, escrever e criar imagens visuais. É um conceito que se relaciona com arte e design, mas que tem aplicações muito amplas. Literacia visual é sobre linguagem, comunicação e interação. Os *media* visuais são uma ferramenta linguística com a qual comunicamos, trocamos ideias e navegamos no nosso mundo complexo.

O termo “literacia visual” foi usado pela primeira vez em 1969 por John Debes (Avgerinou & Ericson, 1997, p. 280), tendo sido definido por Debes como “um grupo de competências visuais que um ser humano pode desenvolver através da visão e da integração simultânea de outras experiências sensoriais” (Debes, 1969, p.27), considerando que o desenvolvimento destas competências é fundamental para a aprendizagem do ser humano e que “quando desenvolvidas, essas competências permitem a uma pessoa visualmente instruída discriminar e interpretar ações visíveis, objetos, símbolos, naturais ou artificiais, que poderá encontrar no seu ambiente.” (Debes, 1969, p. 27). Debes refere ainda que, através do uso destas competências, o indivíduo pode comunicar com os outros e, até, compreender e desfrutar das obras-primas da comunicação visual.

Já Maria D. Avgerinou admite que no contexto da comunicação visual humana intencional, a literacia visual refere-se a um conjunto de competências amplamente adquiridas, nomeadamente a capacidade de compreender (ler) e usar (escrever) imagens e a capacidade de pensar e aprender com base em imagens (Avgerinou, p. 26, 2001).

³ [“Probably under the lasting influence of semiotics in literary and cultural studies, [...] these scholars have played an active role in attempts to theorise the notion of visual literacy, which has emerged as a companion term to the key notion of pictorial turn.”]

Então, o conceito de literacia visual é, por natureza, um conceito orgânico que padece de uma definição contínua e de que o seu significado seja renomeado por forma a acompanhar a mudança do nosso mundo.

O conceito de literacia visual revela-se pertinente para esta investigação e para o desenvolvimento da Unidade de Trabalho, por se considerar que as competências visuais dos alunos foram (e vão sendo) influenciadas na forma como interpretam, decifram e codificam uma composição visual e como comunicam visualmente.

*Esperemos que, ao dar à literacia visual a prioridade que ela merece, as crianças de hoje, que são deixadas por conta própria em relação à informação visual, acabem por se tornar em intérpretes criticamente autónomos e criadores do mundo visual de amanhã.*⁴ (Avgerinou, p. 289, 1997)

⁴ [“Let us hope that by giving Visual Literacy the priority it deserves, today's children who are left to their own devices in respect of visual information will eventually develop into critically autonomous interpreters and creators of tomorrow's visual world.”]

2.2. A Ilustração e a Criatividade

Segundo Flavia Barbera, no artigo “*Ensinando a ilustrar: o mundo da representação fantástica*”, a ilustração “é uma imagem utilizada como acompanhamento, é uma explicação, uma interpretação, um acrescentamento de uma informação, uma síntese ou simplesmente uma decoração de um texto” (Barbera, 2016, p. 148). Uma ilustração pode ser realizada com qualquer técnica e é esta versatilidade que a ilustração possui que a torna perfeita para a estimulação da imaginação e criatividade dos alunos, levando-os a criar interpretações próprias para argumentos, aprofundar conhecimentos dos mais variados materiais, com recurso a técnicas que mais se adaptam à sua própria individualidade (Barbera, 2016).

No *Roteiro para a Educação Artística: Desenvolver as capacidades criativas para o século*, a Comissão Nacional da Unesco refere que “[...] experimentar e desenvolver a apreciação e o conhecimento da arte permite o desenvolvimento de perspectivas únicas sobre uma vasta gama de temas, perspectivas essas que outros meios de educação não permitem descobrir” (CNU, 2006, p.6). Procurou-se, então, explorar com os alunos as diferentes técnicas e estilos da ilustração, tendo sempre em consideração os materiais já pedidos pela professora da disciplina de Desenho A, não exigindo aos alunos a compra de materiais novos. Esta opção também se revelou pertinente para o aprofundamento de conhecimentos dos materiais com que os alunos já trabalhavam desde o início do ano letivo. Por outro lado, optou-se por não fazer qualquer restrição no tipo de materiais a utilizar para a concretização da proposta pedagógica, o que permitiu que os alunos optassem por experimentar materiais novos.

A opção didática pela apresentação dos diversos tipos, estilos e técnicas de ilustração, teve a ver com a pertinência de demonstrar a versatilidade da ilustração e, ao mesmo tempo/por essa via, motivar e estimular os alunos, para que fossem criativos e ousados na produção dos seus trabalhos. Pretendeu-se deixar um espaço de liberdade e autonomia aos alunos na escolha da(s) técnica(s) e materiais que mais se adaptam à sua própria

individualidade, sendo que também ajuda a que os alunos ganhem uma maior confiança nas suas próprias capacidades como intérpretes, aumentando a sua familiaridade com a educação visual (Barbera, 2016).

A criação de uma imagem, seja esta a reelaboração de uma já existente ou a invenção de uma nova, é, para o aluno do ensino secundário, uma *aventura* pela sua fantasia na procura de uma solução original, não apenas uma tarefa a realizar para obter uma avaliação positiva pelo professor. É com a criação de uma imagem que o aluno estará a encontrar a própria identidade na criação artística.

É essencial uma educação universal e de boa qualidade. Mas esta educação só poderá ser de boa qualidade se, através da Educação Artística, se promover percepções e perspectivas, criatividade e iniciativa, reflexão crítica e capacidade profissional que são tão necessárias à vida no novo século. (CNU, 2006, p.7)

Ao consultarmos o conceito de criatividade num Dicionário de Língua Portuguesa, verificamos que esta é a “capacidade de criar [e] de inventar”⁵, a “qualidade de quem tem ideias originais, de quem é criativo”⁶ e a “faculdade de encontrar soluções diferentes e originais face a novas situações”⁷.

Philip E. Vernon (1989) define a criatividade como a “[...] capacidade da pessoa para produzir ideias, descobertas, reestruturações, invenções, objectos artísticos novos e originais, que são aceites pelos especialistas como elementos valiosos no domínio das Ciências, da Tecnologia e da Arte.” (Vernon, 1989). Por sua vez, Stein (1974), define a criatividade como um “[...] processo que resulta num produto novo, que é aceite como útil, e/ou satisfatório por

⁵ Priberam. (n.d.). *Criatividade*. Dicionário Priberam Online de Português Contemporâneo.

⁶ (ibidem)

⁷ Infopédia. (n.d.). *Criatividade*. Infopédia - Dicionários Porto Editora.

um número significativo de pessoas em algum ponto no tempo.” (Stein, 1974). Para Sternberg e Lubart (1999), a criatividade é a capacidade de criar uma solução que é ao mesmo tempo inovadora e apropriada (Sternberg & Lubart, 1999). Já Mouchiroud e Lubart (2002) assumem que a criatividade pode ser definida como um conjunto de capacidades que permitem uma pessoa comportar-se de modos novos e adaptativos em determinados contextos (Mouchiroud & Lubart, 2002). Por seu lado, no livro “Psicologia da Criatividade”, Todd Lubart afirma que “[a] criatividade é a capacidade de realizar uma produção que seja ao mesmo tempo nova e adaptada ao contexto onde se manifesta” (Todd Lubart, 2007), definição que, nos dias de hoje, se configura como a mais consensual.

A criatividade não aparece ao acaso, apesar da espontaneidade ser uma das suas formas de expressão. A criatividade exige tempo, esforço, treino e uma grande margem para a singularidade que cada um é de facto. Reconhecer isto e agir em conformidade é fundamental para despertar a criatividade em ambientes educativos. (Medeiros, p. 73, 2006)

Em “*A Importância da Criatividade no Desenvolvimento do Indivíduo*” (2012), os autores afirmam que a criatividade de um indivíduo geralmente depende da sua formação e/ou ambiente em que se encontra inserido, sendo que todos os indivíduos têm um carácter criativo e precisam de um processo de desenvolvimento, que só pode ser alcançado através da sua estimulação (Martins et al, 2012). O ambiente criativo não deve ser limitado a somente um lugar, seja este escola, trabalho, etc., mas sim a vários lugares, pois estes promovem a auto realização pessoal, contribuindo assim para a sociedade e melhorando o ambiente psicológico das pessoas. Ao mesmo tempo, estimula também a capacidade do ser humano de inovar e propor, tanto quanto possível, novas alternativas, de forma a criar maior bem-estar para todos (Wechsler, p. 139, 2008).

Podemos afirmar que cabe, então, ao professor criar um ambiente propício à criatividade dentro da sala de aula, necessitando ser flexível quanto às formas de desenvolvimento do trabalho dos seus alunos, procurando sempre adaptar o currículo e os objetivos da disciplina a lecionar às necessidades individuais do aluno. O professor necessita ser capaz de “[...] *estabelecer relações com o imaginário para metaforizar questões do real; deve tolerar a desordem e a complexidade em determinadas situações; e deve essencialmente encorajar, concretizar, respeitar e apoiar as ideias criativas dos alunos, não criando um ambiente de pressão e coerção*” (Martins et al, p. 110, 2012). Será este novo ambiente de sala de aula que motivará o aluno a experimentar sem “medo de errar”, de forma autónoma e crítica.

2.3. A Identidade do aluno e as suas referências pessoais

As imagens não só são meios de estabelecer a comunicação, mas actuam também como portadoras de significado e de influência no trabalho para nos representar e representar as nossas relações com os outros. (Barbosa, 2012, p.23)

No desenvolvimento da unidade de trabalho, procurou-se estimular a reflexão e o pensamento críticos e um olhar pessoal. Porém, foi igualmente estimulada a interação e a discussão no grupo.

Interessa ainda compreender o contexto pessoal e histórico de cada aluno, de forma a conhecer a sua identidade e o meio em que o aluno esteve e está inserido. Estes contextos são determinantes para perceber as opções dos alunos, seja em termos da escolha dos materiais, seja em termos da linguagem visual utilizada.

Vive-se numa sociedade de consumo que despoleta uma síndrome da impaciência, a característica que melhor define o quotidiano. Uma vez que as características da nossa sociedade estão de uma maneira ou de outra ligadas ao hiper desenvolvimento da linguagem visual, importa salientar que funcionam como detonações do desejo. Neste seguimento, cabe à Educação Artística um papel fundamental na consolidação e descodificação do mundo imagem. (Acaso, 2009).

Danielle Carter (2018) refere que embora educadores e investigadores geralmente aceitem a noção de que gostos, conhecimentos e experiências pré-existent influenciam as experiências atuais, estes elementos pré-existent são mais frequentemente vistos como forças estáticas do que dinâmicas que podem moldar a aprendizagem futura, mas também ser moldados pela aprendizagem futura (Carter, p. 58, 2018).

A narrativa permite-nos compreender o desenvolvimento da alfabetização visual ao longo do tempo e do espaço (Carter, p. 63, 2018). Então, ao usar a narrativa, educadores e investigadores também podem entender como essas experiências passadas e presentes podem ser combinadas para definir futuras experiências de aprendizagem (Carter, p. 58, 2018).

Neste sentido, todos os conhecimentos e experiências anteriores do aluno, e que ele traz para o espaço de aula, são tão ou mais importantes do que os conteúdos curriculares formalmente instituídos. Segundo Penim: *“Os dilemas educativos não se resolvem no espaço das disciplinas, nem no espaço da pedagogia, mas antes nesse «imenso meio» - às vezes, uma ponte, outras vezes um abismo- que une/separa estas duas realidades.”* (Penim, 2003, p. 11).

Assim a cultura material é explicada não só ao nível da sua natureza formal como também enquanto construtora de significado, quer por aquilo que

representa, quer pelo que evoca. Só assim é possível obter um enfoque no universo dos sentidos onde predominam os desejos, os afectos e as memórias, que explicam como estes artefactos se tornaram nos modelos e nas referências que deram origem à construção da identidade. (Barbosa, 2010, p. 9).

Sendo, então, as referências pessoais um importante alicerce da nossa identidade, interessou analisar as referências pessoais dos alunos, de forma a perceber como estas poderiam influenciar o seu trabalho de ilustração. Tendo já sido explicados os conceitos de identidade e de referências aos alunos, no início do ano letivo, faltava discutir a questão da apropriação de imagens, pelo que este assunto foi introduzido e revisitado sempre que se considerou pertinente. Foi sempre reforçada a ideia de que se podem usar referências como fonte de inspiração, tendo o cuidado de fazer a devida identificação do autor, evitando a apropriação indevida de imagens.

2.3.1. Apropriação da Imagem

A cópia de desenhos de autores com mestria consolidada é uma forma de se aprender a desenhar, tendo sido, também, uma etapa inicial pela qual muitas gerações têm passado através dos séculos. Como referido por Pedro Jesus e Pedro dos Santos, no artigo “*Referência e Apropriação: da cópia à autoria*”, “desde o princípio, os tratados de arte apresentam considerações sobre este tipo de práticas, como no *Libro del arte de Cennino Cennini*, de finais do século XIV. Os mesmos conselhos aparecem também várias vezes nos escritos de Leonardo da Vinci, em referência à formação do pintor que, segundo ele, ‘deve acostumar a sua mão copiando desenhos de bons mestres’.” (Jesus e Santos, 2015, p. 227).

Embora este tipo de prática permita compreender o modo como os grandes mestres resolveram questões como a proporção, a perspectiva e o domínio técnico de representação

volumétrica, não exige o esforço intelectual necessário para se conseguir resolver questões como a representação do que é percebido no plano bidimensional (Jesus e Santos, 2015, p. 232).

Tendo sido discutido, com os alunos do 10.º E, o tema do “plágio”, e esta ideia da cópia de trabalhos de artistas com mestria como forma de conhecer as técnicas e os materiais, considerou-se pertinente e, até, essencial incitar os alunos a usar regularmente o diário gráfico, por se revelar um valioso e “verdadeiro suporte de experimentação e registo pessoal” (Jesus e Santos, 2015, p. 232). Isto levou a que se elaborasse um documento com informações sobre o diário gráfico (Apêndice I): o que é, para que serve, tipos mais comuns de diários gráficos e, ainda, o recurso a exemplos de páginas de diários gráficos de alunos do ensino secundário. Este documento revelou ser de grande interesse para os alunos que, até este ponto, sentiam “medo” em usar o diário gráfico, “medo de o estragar” (expressão proferida pela maioria dos alunos do 10.º E).

III. Apresentação e Fundamentação da Metodologia de Intervenção e Investigação no Estágio Pedagógico

O ensino secundário tem por objectivos:

- a) Assegurar o desenvolvimento do raciocínio, da reflexão e da curiosidade científica e o aprofundamento dos elementos fundamentais de uma cultura humanística, **artística**, científica e técnica que constituam suporte cognitivo e metodológico apropriado para o eventual prosseguimento de estudos e para a inserção na vida activa;*
- b) Facultar aos jovens conhecimentos necessários à compreensão das manifestações estéticas e culturais e possibilitar o aperfeiçoamento da sua expressão **artística**. (Lei de Bases do Sistema Educativo, n.º46/86, p. 5)*

A área da ilustração tem vindo a sofrer grandes alterações ao longo dos anos, sendo que o seu desenvolvimento tem sido marcado pela evolução da tecnologia. Na atualidade, assiste-se a uma geração de artistas que criam uma variedade surpreendente de ilustrações num espectro de tipos, estilos e técnicas muito alargado.

Considerando a ilustração de livros infantis e infanto-juvenis uma forma de expressão gráfica que acompanha e integra o desenvolvimento da personalidade da criança e, neste caso em concreto, dos adolescentes, interessou abordar esta temática no contexto da disciplina de Desenho A, com uma turma do 10.º ano de escolaridade, da Escola Secundária Viriato, em Viseu.

Tendo como ponto de partida o interesse pessoal pela área da ilustração, o objeto de estudo desta investigação prende-se com a análise da importância da ilustração na expressão

artística e na identidade pessoal do aluno, sendo que se considerou pertinente articular a narrativa escrita com a narrativa visual.

A proposta pedagógica apoiou-se em pesquisa que inclui a elaboração de questionário e em reflexões críticas individuais dos alunos sobre o trabalho realizado. O questionário (Apêndice XI) permitiu aferir as referências às quais os alunos recorrem para comunicar visualmente e como forma de inspiração, assim como tentar perceber como os alunos foram influenciados pela narrativa escrita/obra *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, obra estudada pelos alunos na disciplina de Português.

3.1. Motivações Pessoais e Relevância do Tema

A motivação para este trabalho de investigação surgiu, em primeira instância, pela vontade de desenvolver um trabalho que aportasse alguma inovação e que apelasse à criatividade, como forma de motivar os alunos. O facto de estes terem mostrado interesse e entusiasmo, despertou interesse em se conhecerem as suas referências, e em saber como estas os inspiram a transmitir os seus pensamentos e emoções através da expressão artística. A temática da ilustração e o interesse dos alunos por esta foram aspetos relevantes e motivadores.

A pesquisa pelo termo “ilustração” remeteu para uma grande variedade de significados. Segundo Barbera (2016), “a ilustração tem vários significados: é uma imagem utilizada como acompanhamento, é uma explicação, uma interpretação, um acrescentamento de uma informação, uma síntese ou simplesmente uma decoração de um texto” (Barbera, p. 148, 2016).

Pretende-se apresentar o trabalho desenvolvido em pesquisa teórica e em trabalho de campo realizado na Escola Secundária Viriato, em Viseu, no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, durante o ano letivo

2020-2021. O trabalho de campo foi desenvolvido com uma turma do 10.º ano de escolaridade, do curso científico-humanístico de Artes Visuais, na disciplina de Desenho A. A proposta pedagógica foi adequada aos conteúdos programáticos e às Aprendizagens Essenciais da disciplina de Desenho A do 10.º ano de escolaridade.

O programa da disciplina de Desenho A do 10.º ano de escolaridade propõe uma gestão temporal das aulas, considerando o tempo total de 148,5 horas, da seguinte forma: 13,5 horas para diagnóstico e reposição de conhecimentos, 81 horas para «processos de *análise*» e 54 horas para «processos de *síntese*», que se distribuem ao longo de três períodos (Ramos et al., 2001, p. 17). Segundo o Programa da Disciplina de Desenho A do 10.º ano de escolaridade, esta disciplina pode ser considerada um privilégio em comparação com as restantes disciplinas dos cursos do Ensino Secundário (Científico-Humanísticos e Profissionais) devido à promoção e sensibilização para a cultura e artes, em particular as locais, através do contacto com a realidade cultural e artística da região, sem perder o foco no que se passa à escala nacional e internacional.

Perante as diversas possibilidades de lecionação apresentadas, nomeadamente nas disciplinas de Educação Visual do 9.º ano e Geometria Descritiva A e Desenho A, do 10.º ano, as quais fizeram parte do leque de disciplinas em que houve observação direta e participativa, optou-se por realizar a proposta pedagógica na disciplina de Desenho A do 10.º ano de escolaridade.

3.2. Observação Direta e Participativa

O Estágio Pedagógico iniciou-se em meados de outubro de 2020, na Escola Secundária Viriato, em Viseu, onde se começou a acompanhar as aulas de Educação Visual de uma turma do 9.º ano de escolaridade e as aulas de Desenho A e de Geometria Descritiva A de uma turma do 10.º ano de escolaridade. Considera-se que a observação e a participação nestas

aulas foi essencial para o desenvolvimento como futura professora e para o desenvolvimento do presente relatório, e contribuiu, também, para uma melhor compreensão das ações dos alunos durante o processo de ensino e de aprendizagem.

Foi mantido um registo diário das notas de campo resultantes da observação dos alunos, das suas atitudes, comportamento e participação nas atividades; das aulas e do ambiente da escola, em geral; das aulas à distância, seus constrangimentos e desafios, como por exemplo, formas de acompanhamento e de apoio aos alunos.

Acompanhando o desenvolvimento dos trabalhos dos alunos, na disciplina de Desenho A, e apercebendo-me da existência de dificuldades na utilização de certos materiais, apresentei, à professora cooperante, a proposta de uma aula onde seria feita uma demonstração de como usar a aguarela e o pastel de óleo e se apresentariam, através de vídeos e do uso de materiais em contexto de aula, exemplos das mais variadas técnicas. Após a aprovação da proposta, seguiu-se a preparação dos materiais necessários para essa aula, começando na recolha de pequenos vídeos explicativos e passando, por exemplo, à realização de diversas técnicas com o pastel de óleo, para que os alunos pudessem observar as texturas; demonstrei o que o uso de certos dissolventes para misturar/diluir o pastel de óleo podem fazer à folha de papel, de modo a que os alunos se apercebessem da necessidade de tomarem certas precauções na realização dos trabalhos com aquelas técnicas.

No início desta aula, foram distribuídos, em envelopes individuais, vários tipos de folhas, em tamanho A7, aproximadamente, a cada aluno, para que pudessem experimentar as técnicas que lhes seriam apresentadas.



Fig. 1 e 2 - Folhas, recortadas, de diferentes tipos e gramagens, colocadas dentro de envelopes individuais

Devido ao COVID-19, a preparação dos materiais a levar para a aula teve sempre em consideração a segurança de todos, havendo cuidado na desinfecção das mãos e dos materiais, antes e depois de preparados, ou seja, desde o corte das folhas e a sua identificação à colocação dentro dos envelopes individuais.

Também se levou uma gama grande destes materiais para a sala de aula: aguarelas nos mais variados tons, o tipo de conjuntos e pastilhas individuais; caixas de pastéis de óleo, uma caixa limpa e organizada, e uma caixa já bastante usada, mas que mostrava pouco cuidado na preservação do material, para que os alunos percebessem o que acontece aos materiais se não houver cuidado na sua utilização e arrumação, havendo inclusive o risco de as cores se poderem “contaminar” umas às outras.



Fig. 3 e 4 - Caixa com folhas a entregar aos alunos; Alguns dos materiais levados para a aula

Desta forma, foi possível mostrar aos alunos como devemos limpar os nossos pastéis de óleo antes de os usarmos e, também, depois de os usarmos, caso estes fiquem “manchados” com outras cores.

A mala com materiais levada para a sala de aula, para além das aguarelas e dos pastéis de óleo, continha: luvas de látex, papel de cozinha, frascos com diluentes para o pastel de óleo, vários tipos e tamanhos de pincéis, pincéis com tubo de reserva de água, cotonetes, aparos de cana, aparos clássicos e pontas variadas, fita cola de papel, seringas, um frasco de máscara líquida (em tom cinza) para aguarela e, até, tampas de garrafas (a reutilizar como godés, por exemplo) e pratos pequenos (a reutilizar como paleta de mistura de cores, por exemplo), para mostrar aos alunos que, por vezes, há coisas que não necessitamos deitar fora e que podemos facilmente reutilizar, incentivando os alunos para a reutilização de materiais, no âmbito das boas práticas ecológicas/ambientais.



Fig. 5 e 6 - Alguns dos materiais levados para a aula; Caixa com diversos diluentes

Esta aula mostrou ser muito valiosa tanto para os alunos, que aderiram com grande vontade e entusiasmo à experiência, mas também para mim, pois, para além de ter sido a

minha primeira grande intervenção na sala de aula, me colocou verdadeiramente no lugar do professor, e com a qual considero que ganhei bastante experiência.

No fim da unidade de trabalho que os alunos estavam a realizar aquando do início deste Estágio Pedagógico, a professora cooperante convidou-me a acompanhar a avaliação dos trabalhos, onde me deu a conhecer as planificações, a criação dos enunciados, a criação dos critérios de avaliação, como avaliar, como dar feedback e as consequências desse feedback. Na avaliação da unidade de trabalho seguinte, a professora cooperante voltou a convidar-me para acompanhar a sua avaliação, pedindo também a minha opinião sobre os trabalhos, uma vez que eu estive presente e acompanhei o trabalho dos alunos em todas as aulas.

Antes do fim do 1.º Período, os alunos do 10.º E realizaram uma exposição com postais de Natal criados na aula de Desenho A, com acompanhamento das professoras. Recorreram a várias técnicas de desenho e pintura, como também a colagem e pop-ups.



Fig. 7 - Exposição dos postais de Natal criados pelos alunos do 10.º E do curso de Artes Visuais

O 2.º período iniciou-se normalmente, mas, após cerca de duas semanas, voltou o confinamento, as escolas fecharam e o ensino à distância (E@D) regressou. Durante estas aulas on-line foi dado apoio aos alunos no desenvolvimento dos trabalhos através de *software* de desenho digital, onde se podia facilmente colocar uma fotografia do trabalho que um aluno estava a desenvolver, editá-lo (como, por exemplo, desenhar por cima) e apresentar facilmente sugestões de melhoria, de forma a que o aluno as conseguisse melhor compreender, ao contrário de sugestões apenas orais, que nem sempre são facilmente entendíveis pelo aluno por haver diferença entre o que o professor idealiza quando apresenta a sugestão e a forma como o aluno “visualiza” essa sugestão.

Foi produzido e enviado aos alunos um documento sobre o Diário Gráfico, após nova discussão sobre este e a sua importância (documento no Apêndice I).

No fim de cada unidade de trabalho, a professora cooperante fazia-me o convite para a acompanhar na análise e avaliação dos trabalhos dos alunos. Ter tido a oportunidade de acompanhar estes momentos ajudou bastante para a elaboração dos documentos de avaliação da minha unidade de trabalho.

O ensino à distância trouxe muitos desafios a todos, alunos e professores. Problemas com computadores, *webcams*, microfones e *internet*, impediram, com alguma frequência, o bom funcionamento da sala de aula virtual (via *Microsoft Teams*), causando, inclusive, problemas na entrega de trabalhos, onde ocorriam facilmente erros no envio ou download de ficheiros. Alguns alunos, por exemplo, contornaram este problema enviando os trabalhos a outro colega pedindo que entregasse em seu nome na plataforma *Microsoft Teams*.

O 3.º período começou em confinamento. Tendo sido comprovado que existia dificuldade na utilização de alguns materiais, por parte de alguns alunos, foram feitas pequenas sessões, durante as aulas, onde se exploraram estes materiais (documentos nos Apêndices II e III). Para que os alunos melhor compreendessem as técnicas, recorreu-se a uma *webcam*, enquanto se fazia a demonstração das mesmas. Embora tenha havido esforço

para ajudar os alunos a compreender as técnicas, alguns alunos admitiram ter dificuldades, por não haver o apoio das professoras de forma presencial. Com estas preocupações ficou claro que seria necessário dispensar tempo de aula, quando se regressasse a modo presencial, para rever a experimentação de materiais.

Foi, então, na primeira semana de aulas presenciais que se realizaram as aulas de experimentação de materiais. Os materiais foram expostos numa mesa onde os alunos, em grupos de dois ou três, poderiam ir para ver, tocar e experimentar. Explicações iam sendo dadas enquanto os alunos visualizavam os materiais. Os restantes alunos, cada um em sua mesa, faziam experiências com materiais que já tinham e que haviam mostrado dificuldade em usar, sendo acompanhados pelas professoras.

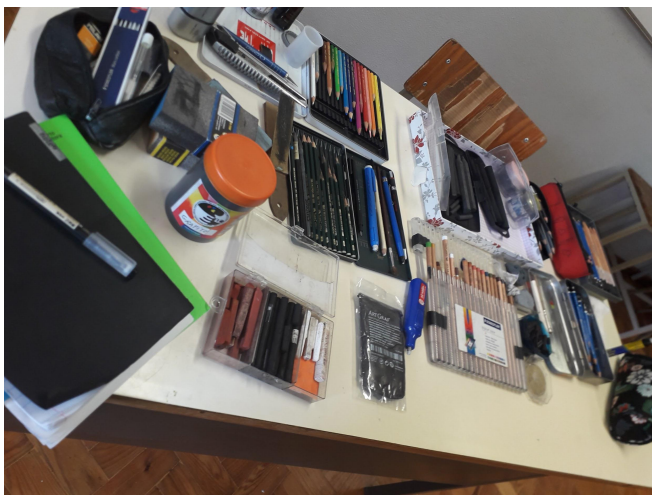


Fig.8 - Aula de experimentação de materiais: grafite, carvão, lápis de cor e pastel seco

A Unidade de Trabalho sobre a ilustração foi iniciada a 16 de abril, ainda em E@D, onde se recorreu à apresentação de *PowerPoints* e *PDFs*. Após o término desta UT, os alunos foram convidados a criar, cada um, um círculo cromático, uma vez que demonstraram dificuldades na sua compreensão. Foi feita a sugestão de criação de um círculo cromático em grandes dimensões com a colaboração de todos os alunos, em vez de um círculo cromático individual. Em grupos de 2 ou 3, os alunos, em colaboração com a professoras, foi sendo

construído o círculo cromático. Mostrou-se de grande utilidade aquando da escolha de combinação de cores para os seus trabalhos.



Fig. 9 - Círculo Cromático criado pelos alunos, com apoio das professoras

Este trabalho ficou exposto na sala de Desenho para que sirva, no futuro, de apoio à explicação do círculo cromático a outros alunos e como referência para a compreensão das cores, ajudando na definição das melhores combinações de cores de acordo com a necessidade do aluno.

IV. A Proposta Pedagógica: Ilustração da *Farsa de Inês Pereira*

A relação dos alunos com o desenho é, para grande parte deles, uma relação variável ao longo da vida, que está profundamente ligada com as aprendizagens que se vão realizando nas aulas da disciplina de Desenho A. Esta é uma relação que provém da descoberta de si próprio, da sua identidade, da relação com o outro e um mundo de possibilidades. Considero, assim, que, para um professor de artes visuais, é essencial relacionar a sua prática educativa com os interesses dos alunos, passando por conhecer o mundo do aluno (Penim, 2003).

Embora a ilustração não faça parte das sugestões metodológicas do programa de Desenho A do 10.º ano, esta vai ao encontro das aprendizagens essenciais e permite trabalhar todos os conteúdos/temas previstos: visão, materiais, procedimentos, sintaxe e sentido.

Uma das metodologias sugeridas no programa é a criação de um Herbário. Considerou-se ser cedo para a elaboração de um trabalho deste nível, que será mais adequado para o 11.º ano, pois não só existe um maior conhecimento dos diversos conteúdos, materiais e técnicas, como o aluno já experimentou técnicas essenciais, como o desenho à vista, para a representação mais fiel dos elementos a desenhar.

Sendo assim, sugeriu-se a ilustração como modo de proporcionar aos alunos experiência e conhecimentos que serão uma mais-valia para o seu percurso em Desenho A. As atividades propostas, que proporcionam a experimentação e a criação, permitem o desenvolvimento de competências e de atitudes essenciais.

Apresentaram-se sugestões diversificadas de técnicas e de materiais a usar, que os alunos deveriam ter em conta para o desenvolvimento do seu trabalho, obtendo-se uma variedade de trabalhos, com recurso a diferentes tipos, técnicas e estilos – algo que, nas unidades trabalhadas até então, não tinha sido possível. Embora houvesse algum

conhecimento de materiais, verificava-se que as técnicas de representação eram repetitivas. Procurou-se, então, estimular os alunos a trabalharem com gosto/prazer, explorando e experimentando novas técnicas, e a não reproduzirem uma “fórmula” em que, eventualmente, já tivessem tido sucesso, e que achassem que lhes poderia “garantir” uma melhor classificação. Estimular os alunos a explorar novas técnicas e a fazê-lo num contrato de autonomia, torna-os mais capazes/competentes.

Da análise do currículo e dos programas/aprendizagens essenciais e ao procurar um trabalho inter e/ou transdisciplinar, decidiu-se trabalhar visualmente a obra *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, estudada pelos alunos na disciplina de Português, numa abordagem interdisciplinar. O projeto desenvolvido resultou de uma interdisciplinaridade consistente.

Na preparação desta unidade também se tiveram em conta as expectativas, interesses e gostos dos alunos. No decurso das aulas, foi-se percebendo os seus interesses e gostos e quando foi feita a sugestão deste trabalho- a ilustração de uma obra que iriam estudar na disciplina de português-, mostraram-se muito motivados e expectantes. Aliás, foi-lhes dada a oportunidade de escolha da obra. De referir, naturalmente, que esta questão (da interdisciplinaridade) já tinha sido previamente abordada com a docente da disciplina de Português. E, por curioso que possa parecer, também ela achou mais interessante que fosse feita esta abordagem interdisciplinar com a *Farsa de Inês Pereira*, facto a que não é alheia a riqueza da narrativa e das personagens.

4.1. Planificação da Proposta Pedagógica

O trabalho de ilustração da UT apresentada durante o Estágio Pedagógico é a (re)interpretação da *Farsa de Inês Pereira*, obra de Gil Vicente, estudada na disciplina de Português. A atividade teve início com estudos das personagens da cena que lhes foi atribuída, passando de seguida para os estudos da cena, com a finalidade de criarem, cada

aluno, uma ilustração *final* da mesma. Não tendo sido colocados limites à forma como as cenas poderiam ser interpretadas, coube aos alunos recorrerem aos seus gostos pessoais, às suas referências, à sua criatividade, para executarem este trabalho. Nada impediu que um aluno representasse a personagem principal, Inês Pereira, como uma rapariga “moderna”, ou o Escudeiro como uma forma abstracta. A apresentação dos vários exemplos de estilos de ilustração serviu como forma de mostrar aos alunos que não existe limite na criação de uma ilustração, não existe um só modo/forma de ilustrar. O facto de se trabalhar com uma obra que faz parte do programa da disciplina de Português revela-se muito importante: permite que os alunos possam ver uma aplicação prática deste texto, ao qual dão vida própria, dando um cunho pessoal à cena que estão a reinterpretar. Esperava-se que, com este trabalho, os alunos estabelecessem um diálogo consigo mesmos, procurassem desafiar a sua imaginação e que, assim, testassem a sua capacidade de transpor uma ideia para o papel.

4.1.1. Preparação e Implementação da Proposta Pedagógica

No programa da disciplina de Desenho A do 10.º ano é possível verificar a existência de cinco conteúdos a trabalhar: Visão, Materiais, Procedimentos, Sintaxe e Sentido, tendo estes vários itens e subcapítulos. O programa propõe, como operacionalização metodológica, “a articulação planificada de Unidades de Trabalho que sejam capazes, cada uma, de convocar diversos itens dos conteúdos ou de vários dos seus sub-capítulos em paralelo” (Programa de Desenho A 10.º ano, p.16). Tendo isto em conta, a Unidade de Trabalho projetada a ser realizada neste estágio curricular convoca conteúdos de Visão, Materiais, Procedimentos, Sintaxe e Sentido.

No tema da Visão, a Unidade de Trabalho apresentada trabalha os seguintes itens: percepção visual e mundo envolvente, o meio ambiente como fonte de estímulos e outros estímulos (culturais e sociais).

No tema dos Materiais, a UT (Unidade de Trabalho) apresentada e trabalhada procura sensibilizar os alunos para o conhecimento e uso de:

- suportes - papéis e outras matérias; propriedades do papel (espessuras, texturas e cores) , formatos, normalizações e modos de conservação;
- meios actuantes - riscadores (grafite e caneta permanente), aquosos (aguadas, pincéis e aparos) e os seus formatos (graus de dureza, espessuras e modos de conservação)
- infografia - tipos de ficheiro gráfico, captura de imagem e alteração de dimensão em pontos de ecrã (embora vários alunos tenham recorrido a cópias das personagens via fotografia ou digitalização, houve alunos que escolheram realizar a obra final com métodos de ilustração digital, sendo para isso necessário conhecimentos sobre os programas a trabalhar, por exemplo, que os alunos já tinham adquirido previamente e foi somente necessário apoio em termos de alteração de dimensões e codificação da cor para melhor impressão).

No tema dos Procedimentos, a UT apresentada aprofunda os seguintes conhecimentos:

- técnicas - modos de registo, natureza e carácter do traço (intensidade, incisão, texturização, espessura, gradação, amplitude mínima e máxima do movimento, gestualidade), natureza e carácter da mancha (forma, textura, densidade, transparência, cor, tom, gradação), combinações entre traço e mancha e experimentação de novos modos (como a colagem, que foi uma técnica usada por vários alunos), modos de transferência, decalque, fotocópia e outros processos fotomecânicos;
- ensaios - processos de análise, estudo de formas, estruturação e apontamento (esboço), estudo de formas artificiais, contextos e ambientes (objetos artesanais, objetos industriais e espaços interiores e exteriores) e estudo de objetos com apontamento das convergências perpéticas;

- processos de síntese - transformação inventiva (construção de formas, texturas e padrões);

No tema da Sintaxe, a UT apresentada aprofunda os seguintes conhecimentos:

- conceitos estruturais da linguagem plástica - valor, cor, textura, escala, espaço, ritmo, equilíbrio, movimento e unidade;
- domínios da linguagem plástica - forma, plano e superfície (centro, campo e moldura);
- cor - cor como sensação e suas dimensões (cambiante, luminosidade e saturação);
- espaço e volume - organização da profundidade, noções básicas de profundidade e extensão, alguns processos de sugestão de profundidade (sobreposição de elementos).

No tema do Sentido, a UT apresentada sensibiliza para a visão sincrónica e diacrónica do desenho: foi feita apresentação sobre o tema da ilustração, passando por breve história da sua evolução até aos dias de hoje, e apresentação de diversos ilustradores, sendo que os alunos também fizeram as suas pesquisas por referências.

Para o planeamento desta UT foi necessário estudar as sugestões metodológicas para Unidades de Trabalho apresentadas no programa de Desenho A do 10.º ano, tendo em atenção a previsão de tempos necessários para a realização de cada uma. Também foi necessário consultar planificações para a disciplina de Desenho A do 10.º ano, que a professora cooperante disponibilizou.

A UT apresentada foi inicialmente planeada (Apêndice IV) para 20 tempos de 50 minutos, tendo sido depois alterada para 12 tempos de 50 minutos, sendo 1 tempo (50 minutos) para a apresentação da UT, 1 tempo (50 minutos) para distribuição/escolha de cenas a trabalhar e discussão, 6 tempos (5 horas) para a realização de estudos, 3 tempos (2 horas e 30 minutos) para a realização das ilustrações finais e 1 tempo para a auto e heteroavaliação. A realização da exposição foi planeada para se realizar em tempo extra-aula. Durante o decorrer

desta UT observou-se ser necessário mais uma semana, ou seja, 5 tempos de 50 minutos, devido a se ter ocupado 2 tempos de 50 minutos com uma aula especial. Foi com grande prazer que esta “aula especial” ficou nas mãos de dois convidados, antigos alunos do curso de Artes Visuais da Escola Secundária Viriato.



Fig. 10 e 11- Ana Seródio Silva fala do seu percurso no mundo da ilustração, desde o 10.º ano no curso de Artes Visuais



Fig. 12 e 13- Filipe Cardoso fala do seu percurso no mundo da ilustração, desde o 10.º ano no curso de Artes Visuais

Os convidados⁸ vieram mostrar o seu percurso artístico desde o 10.º ano até ao presente. Tendo desenvolvido, cada um, um estilo muito próprio no desenho e na ilustração, foram grande ajuda e inspiração para os alunos da turma do 10.º E. Após os convidados terem concluído as suas apresentações recorrendo a projeções de imagens dos seus trabalhos, os

⁸ Ana Seródio Silva e Filipe Cardoso, antigos alunos do curso de Artes Visuais da Escola Secundária Viriato

alunos foram convidados a conhecer os trabalhos visualizados durante a apresentação em forma física, como também diários gráficos de ambos os convidados, com “rabiscos” mais pessoais.

Os convidados ofereceram também críticas construtivas, dicas e sugestões enquanto visualizavam o desenvolvimento dos trabalhos dos alunos. Devido à situação em que nos encontramos atualmente, foram tidas em conta todas as medidas de segurança, havendo, para além do álcool desinfetante em todas as salas, luvas à disposição de todos para uma maior segurança no manuseamento dos trabalhos e dos diários gráficos.



Fig. 14 - Os convidados colocavam os seus trabalhos numa mesa, onde os alunos, em grupos de três, os poderiam visualizar

Os alunos manifestaram bastante interesse nesta aula, tendo admitido que havia sido graças a esta aula que conseguiram “ganhar coragem” para arriscar no desenho e para enfrentar um tema que nunca haviam trabalhado antes. Isto comprova que é sempre necessário os professores de artes visuais terem nas salas de aula exemplos físicos dos trabalhos - e o toque também é um elemento fundamental do desenho! Sendo a colagem uma das técnicas de ilustração apresentadas, foi fundamental os alunos poderem ver e tocar em trabalhos de colagem. O facto de a primeira aula, a aula de apresentação desta UT ter sido ainda no modo de ensino à distância também teve impacto na forma como os alunos assimilaram a informação e as referências apresentadas.

A primeira aula, de dois tempos de 50 minutos, ficou reservada para a apresentação da UT e para a distribuição/atribuição das cenas e discussão. A apresentação da UT, sendo em modo de ensino à distância, foi realizada através do *Microsoft Teams*, recorrendo a *PowerPoint*. Esta apresentação estava dividida em duas partes: uma sobre a ilustração (Apêndice V) e outra sobre a UT (Apêndice VI) em específico. Na primeira parte da apresentação, foi apresentado o conceito de ilustração, seguido de breve história da ilustração (desde o seu início na pré-história até à atualidade). Foram referidos os diversos tipos, técnicas e estilos da ilustração, com ênfase nos mais comuns e naqueles passíveis de realizar no contexto de sala de aula e de acordo com os materiais que os alunos já possuíam, de modo a não requerer a compra de material novo. Por fim, foram apresentadas várias referências, tendo sido algumas de desenhos animados (algo que os alunos consomem diariamente) para que pudessem observar a variedade de personagens que tem sido criada ao longo dos anos.

Numa época em que a informação parece facilmente acessível é necessário formar os alunos para que possam aprender a recorrer a referências imagéticas e utilizá-las no(s) seu(s) trabalho(s) tendo o cuidado de as referenciar devidamente. É importante alertar os alunos para a apropriação da imagem e das suas implicações. O professor de artes visuais tem o dever de promover este tipo de competências, tendo em vista o desenvolvimento global dos alunos. Daí ter sido considerado pertinente a criação de uma “base de dados” que consistia de uma página no *Pinterest* com trabalhos de vários artistas na área da ilustração e da criação de personagens, não como forma de obrigar os alunos a utilizar somente essas referências, mas de apoio a pesquisa de ilustrações acompanhadas pela devida referência ao autor.

Após esta primeira parte da apresentação, deu-se espaço para esclarecimento de dúvidas antes de se proceder à última parte da apresentação. Esta última parte consistiu na apresentação do enunciado da UT, tendo sido apresentado o número de tempos para a sua realização, os conteúdos e as aprendizagens essenciais que esta convocava, a proposta (com o processo de trabalho descrito e todas as orientações necessárias), sugestões de material

(dando ênfase à experimentação), modo de entrega do trabalho (em portfólio acompanhado de uma reflexão crítica ao trabalho) e a avaliação (com lista de itens a avaliar: cumprimento das propostas; capacidade de exploração dos materiais, suportes e técnicas; esboços; expressividade do traço/mancha; persistência no trabalho; qualidade técnica/plástica; criatividade; efeito visual da composição final; portfólio).

A atribuição das cenas (Apêndice VII) foi feita de forma aleatória recorrendo ao site *random.org*. Após os alunos analisarem as cenas, concluíram que ficariam com as cenas que lhes foram atribuídas. Um dos requisitos desta UT era que cada aluno tinha de, obrigatoriamente, ilustrar duas personagens. Ou seja, nas cenas atribuídas a mais de um aluno, seria necessário que os alunos discutissem entre si e decidissem as personagens que cada um iria ilustrar.

A “Farsa de Inês Pereira” divide-se em 3 atos, sendo que o Ato 1 contém 5 cenas e os atos 2 e 3 contém 6 cenas. De seguida são apresentados os atos e suas respectivas cenas com descrição do que ocorre em cada. As cenas marcadas a vermelho correspondem a monólogos, cenas que não foram ilustradas por conterem apenas uma personagem, por não se enquadrar no requisito desta unidade de trabalho de ilustrar duas personagens.

Ato 1 [da abertura até à recusa de Inês em casa com Pêro Marques]

- **Cena 1** [monólogo inicial de Inês]
- **Cena 2** [diálogo entre Inês e a mãe]
- **Cena 3** [Lianor Vaz propõe a Inês que aceite Pêro Marques]
- **Cena 4** [chega Pêro Marques; diálogo com Inês Pereira]
- **Cena 5** [Inês Pereira e a mãe; Pêro Marques é rejeitado]

Ato 2 [casamento de Inês Pereira com o Escudeiro]

- **Cena 1** [chegam os Judeus casamenteiros e elogiam o Escudeiro]
- **Cena 2** [diálogo entre a Inês, a Mãe, o Escudeiro e o Moço]

- **Cena 3** [o Escudeiro seduz Inês Pereira e recebe-a por esposa]
- **Cena 4** [festa de celebração; canto e dança]
- **Cena 5** [o Escudeiro reprime Inês Pereira e parte para África]
- **Cena 6** [monólogo: Inês Pereira arrepende-se de ter casado]

Ato 3 [morte do Escudeiro e casamento com Pêro Marques]

- **Cena 1** [carta a anunciar a morte do Escudeiro em África]
- **Cena 2** [reaparece Lianor Vaz: volta a propor Pêro Marques a Inês]
- **Cena 3** [Pêro Marques recebe Inês como esposa]
- **Cena 4** [monólogo de um Ermitão]
- **Cena 5** [Inês Pereira reconhece o Ermitão e promete visitá-lo]
- **Cena 6** [Inês às costas de Pêro sugere o adultério com o Ermitão]

De forma a facilitar a escolha das personagens a ilustrar, foi apresentada uma pirâmide relativa à importância das personagens. Para a realização desta pirâmide, foi consultado o livro “Educação Literária - Leituras Orientadas: Farsa de Inês Pereira”, de Carlos Reis.



Fig. 15 - Pirâmide representativa do grau de intervenção das personagens na ação da farsa

De acordo com a pirâmide apresentada anteriormente, podemos afirmar que Inês é a personagem mais importante, estando ela presente em todas as cenas, logo, sendo colocada no primeiro nível. Pêro e Escudeiro aparecem no segundo nível. Mãe, Lianor, Judeus, Moço e Ermitão aparecem no terceiro nível. E Luzia e Fernando, as personagens com menor grau de intervenção na ação da farsa, aparecem no quarto e último nível.

Sendo o número total de cenas 14 e o número total de alunos 19, as cenas com mais personagens ficaram entregues a mais de um aluno. A cena 1 do Ato 2 ficou entregue a dois alunos, a cena 3 do ato 2 ficou entregue a três alunos e a cena 4 do ato 2 ficou entregue a três alunos. Os alunos tiveram o cuidado de não repetir as duas personagens entre si, sendo que o uso de uma mesma personagem não apresentava problema - isto para que cada cena fosse como uma visão de uma certa perspectiva da ação que estava a decorrer.

No decurso das aulas, os alunos realizaram estudos das personagens e da cena que teriam de ilustrar. Os alunos tiveram liberdade na escolha dos materiais, suportes físicos, técnicas, entre outros, a utilizar. A única obrigação era a de realizarem os estudos em suporte físico com meios riscadores, tais como: lápis, canetas, marcadores, entre outros, e/ou meios aquosos, como aguarela, guache, aparos e afins. De entre esses materiais não existiam restrições.

Para os estudos, aconselhou-se os alunos a alguma diversidade de experimentação de materiais e suportes, com vista a selecionarem o(s) que melhor se adequem ao tipo de ilustração a realizar.

Para as ilustrações finais das cenas foi dada liberdade aos alunos para as realizarem em suporte físico ou digital, ambos valorizados no Programa da disciplina de Desenho A do 10.º ano de escolaridade⁹.

⁹ “Relativamente às práticas, haverá que considerar: [...] A utilização de novas tecnologias e sua aplicação às tarefas e processos de desenho.” (p. 12, Programa de Desenho A). “Considera-se material indispensável: [...] Computador multimédia tipo «IBM PC compatível» ou «MAC» [...], Scanner A3 [...] e] Software de captura e edição de imagem (tipo Paint Shop Pro, QuarkXPress, Photoshop, Illustrator, CAD, 3DStudio, Freehand, FrontPage).” (Programa de Desenho A do 10.º ano, p.13).

Ainda que se continue a fazer referência ao termo “novas tecnologias”, na verdade, para estes alunos, estas não são “novas” – conhecem bem/muito bem os meios digitais e, portanto, não só estes devem ser mobilizados para o ensino e a aprendizagem, como é fundamental que, nas aulas, se otimizem e se aprofundem/desenvolvam os seus conhecimentos dessas tecnologias.

As personagens teriam de ser finalizadas (caracterização/aparência na ilustração final da cena) em suporte físico, mas as ilustrações finais das cenas poderiam ser concretizadas com diversas técnicas: desde ilustração tradicional a ilustração digital. Claro que as personagens necessitariam ser, por exemplo, digitalizadas para ser incluídas na ilustração digital ou fotocopiadas para serem incluídas numa colagem; também seria passível de se ilustrar as diferentes partes/objetos das cenas e depois fazer uma colagem; ou, ainda, fotocopiar essas ilustrações, recortá-las e fazer uma colagem/montagem da ilustração final da cena. As personagens não poderiam ser redesenhadas digitalmente ou recriadas por outros meios. Mas, após terem sido recebidos vários pedidos para pintarem as personagens digitalmente (fazendo digitalização do desenho e pintando num *software* adequado a pintura digital), foi discutido com os alunos se estariam todos de acordo em abrir esta exceção. Sendo que, ao ser dada esta opção, mais alunos ficaram interessados com a possibilidade de pintar as suas personagens digitalmente, foi, então, dada liberdade para digitalizar os seus desenhos e pintarem-nos num *software* adequado a pintura digital. No fim, apenas dois alunos recorreram à pintura digital para o seu trabalho final, tendo os restantes ficado mais interessados com técnicas de métodos tradicionais, como a colagem e a aguarela.

Para dar esta UT como completa, foi realizada uma exposição com as ilustrações finais das várias cenas na ordem da obra, permitindo, assim, que os estudantes e os restantes membros da comunidade escolar tivessem novo contacto com a obra. O modo e a data de realização desta exposição foram decididos em coordenação com a professora da disciplina de Desenho A e, naturalmente, os alunos. Havia sido planeado realizar a exposição no evento

Encontros da Viriato, mas o evento foi cancelado devido à atual pandemia. Ficou, então, planeada para ser realizada perto do fim do 3.º período.

4.2. Questionário

Por forma a auscultar o conhecimento prévio sobre a ilustração, as suas referências enquanto alunos de artes visuais, as referências no seu quotidiano e a compreensão da cena a ilustrar, realizou-se um breve questionário (Apêndice XI). Houve cuidado na escolha de linguagem para o questionário de forma a que este fosse adequado aos alunos.

As questões da primeira parte do questionário, relativamente a conhecimento prévio sobre a ilustração e as suas referências, foram elaboradas de modo a ser possível aferir quantos alunos da turma já tinham ouvido o termo “ilustração” e se sabiam o que era, se conheciam algum tipo, estilo e/ou técnica e, ainda, onde procuram inspiração para realização dos seus trabalhos. Conhecendo, assim, as suas referências previamente, era possível averiguar se tais referências estariam a influenciar as suas escolhas durante a realização dos trabalhos. As questões são de resposta aberta de modo a permitir que os alunos possam exprimir mais facilmente as suas opiniões.

A segunda parte do questionário dizia respeito à “*Farsa de Inês Pereira*”. Os alunos tinham de indicar a cena que lhes foi atribuída, caracterizar as personagens e indicar as emoções implícitas na cena. O objetivo era o de perceber se os alunos conseguiam compreender o que a cena retrata, nomeadamente as emoções dos personagens, de modo a que fizessem uma investigação adequada para a ilustração da ação.

Os resultados do questionário permitiram conhecer algumas necessidades e dificuldades dos alunos e planear o trabalho de acompanhamento e de apoio de acordo com as mesmas. Por exemplo, para além do apoio da professora estagiária, os alunos tiveram à sua disposição um livro de leituras orientadas com o conteúdo da farsa e a sua análise que poderiam consultar, entre outros recursos.

4.3. Opinião dos Alunos

No fim desta UT, os alunos tiveram de realizar um portfólio com todo o processo de trabalho, desde os primeiros esboços até à obra final, sendo que este deveria conter uma reflexão crítica sobre o trabalho. Foram seleccionadas as afirmações mais relevantes, estando os textos completos no Apêndice XII (ordenados por cenas), onde também se podem consultar as ilustrações finais, acompanhadas pela sua análise e avaliação (Apêndice IX).

Aluno B: “Este trabalho não foi o que mais gostei do resultado final mas interessei-me mesmo por todo o desenvolvimento. (...) Gostei especialmente de fazer a roupa das personagens e da liberdade artística que nos deu.”

Aluno D: “Quando foi proposto este trabalho eu fiquei assustada e desesperada, porque nunca me tinha passado pela cabeça fazer algo assim, nem tinha ideias nenhuma, estava sem criatividade e um pouco perdida sinceramente. Quando voltamos para presencial, tentei perceber melhor o que era para realizar, tentei fazer personagens ao acaso, sem pensar que tinha de fazer a Inês, a mãe e o Pêro Marques, tentei só criar personagens para me integrar mais na ilustração. No fim dos antigos alunos desta escola nos virem explicar e apresentar as suas ilustrações, eu fiquei bem mais inspirada. Houve um dia que eu estava inspirada e a ouvir música, fiz personagens bem à toa e gostei das suas formas, porque foram criadas por mim e fiquei orgulhosa de mim mesma porque no início estava me a sentir incapaz de fazer o trabalho. No fim de ter as personagens prontas em A4, ia passar para a cena final, eu fiquei desesperada porque não sabia que fundo fazer, então comecei a fazer pesquisas de fundos, vi algumas partes de filmes animados e lembrei-me dos smurfs e gostei bastante e achei fofinho o facto das casas serem cogumelos.”

Aluno E: “Quando nos foi atribuído o trabalho fiquei assustada, nunca tinha nem pensado em fazer uma ilustração. Como não tinha inspiração prós desenhos, peguei referências do pinterest mesmo, de uma única coisa eu sabia, queria fazer um personagem

humano. (...) Foi uma ótima experiência, mesmo que não tenha saído como eu achei que ia ficar.”

Aluno G: “Quando eu comecei a pesquisar sobre os tipos de ilustração eu estava bem animada, claro que com o passar do tempo as coisa ficaram corridas e eu acabei por ficar um pouco estressada com meus desenhos. (...) Acabei por achar interessante este tipo de trabalho, mas não sei se eu gostaria de repetir essa experiência, porque realmente me stressou, mas deve ser porque eu também estou tendo muitas coisas para fazer ao mesmo tempo. Minha parte favorita do trabalho final acabou por ser a parte que teve um “pop-up” e as rosas que ficaram espalhadas.”

Aluno H: “Achei um trabalho interessante, foi meio que um desafio pois é um trabalho que requer muitos estudos e esboços. (...) Não gostei muito do trabalho final pois correu-me mal mas tenho que trabalhar mais, e é com os erros que se aprende!!”

Aluno I: “Eu adorei estruturar a ilustração, nunca tinha testado efeitos de sombra na composição final e também nunca tinha feito texturas.”

Aluno K: “O trabalho foi interessante por ter a Farsa de Inês Pereira como tema, que foi uma obra de Gil Vicente, na qual estudamos em português. (...) Na realização do trabalho tive alguns problemas no trabalho final, por causa que foi a primeira vez que faço um trabalho final sendo um dos materiais o pastel seco (que é um material bem difícil de trabalhar) mas no geral do trabalho achei super divertido e interessante fazer e inventar as personagens que eu mesmo fiz.”

Aluno M: “Na minha opinião este trabalho foi, até agora, o mais interessante nesta disciplina. Desde logo tive imensas ideias para as personagens e para o cenário. Vendo numa perspetiva geral acho que me correu bem, apesar que muitas das coisas que tinha pensado inicialmente terem acabado por ficar para trás. Devo também admitir que a meio fiquei desinteressada porque nada parecia ficar da forma como eu queria, com a ajuda e tempo

necessário consegui ganhar interesse pelo trabalho novamente. O resultado final não foi bem da forma que achava que ia ficar, mas não acho que o trabalho me tenha corrido mal.”

Aluno N: “Achei este trabalho muito interessante, pois gostei do processo de realização das personagens, desde o esboço até ao resultado final.”

Aluno Q: “Gostei imenso do projeto, o facto de não ter sido muito longo em termos de prazo, acabou por não ser muito cansativo nem massador. (...) Se foi esgotante? Foi, e bastante. Mas o facto de podermos escolher o tempo cronológico em que decorria a ação facilitou e motivou bastante, fez-me sentir que tinha muito mais controlo sobre o meu trabalho e as minhas capacidades, não me restringiu ao enunciado e deixou-nos voar!”

4.4. Divulgação dos Trabalhos Realizados pelos Alunos

Para dar esta Unidade de Trabalho como completa, realizou-se uma exposição com a apresentação dos resultados. Também foi criado um website (Apêndice XIII) com um livro virtual contendo um texto descritivo da obra “Farsa de Inês Pereira”, escrito por uma aluna da turma do 10.º E na disciplina de Português e acompanhado pela professora dessa disciplina, e as ilustrações dos alunos, acompanhadas por legendas com descrição da cena que estas ilustram. Este livro digital encontra-se disponível no site farsadeinespereira.tumblr.com.

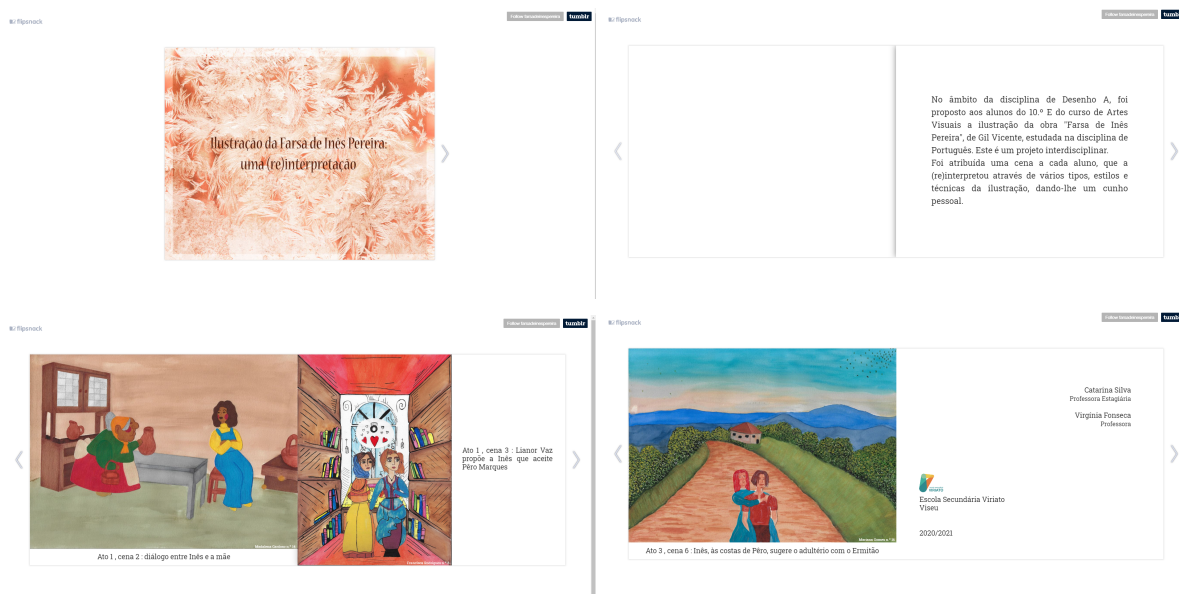


Fig. 16, 17, 18 e 19 - Screenshots de páginas do livro digital com as ilustrações dos alunos

A exposição, intitulada “Ilustração da *Farsa de Inês Pereira*: uma (re)interpretação”, foi montada no pavilhão principal da escola (onde se encontra o espaço de convívio, a cantina, a papelaria, o centro de apoio aos alunos, a sala de professores, os serviços administrativos), para que estes pudessem ser vistos por toda a comunidade escolar.



Fig. 20 e 21 - Organização dos trabalhos dos alunos do 10.º E para a exposição “Ilustração da ‘Farsa de Inês Pereira’: uma (re)interpretação”



Fig. 22, 23 e 24 - Montagem da exposição “Ilustração da ‘Farsa de Inês Pereira’: uma (re)interpretação”

Desta exposição também fazia parte o texto sobre a obra “*Farsa de Inês Pereira*”, escrito por uma aluna.



Fig. 25 - Exposição “Ilustração da ‘Farsa de Inês Pereira’: uma (re)interpretação”

O empenho e motivação demonstrados na realização dos trabalhos também se deveu, em parte, ao facto de o trabalho de projeto incluir a exposição e apresentação dos mesmos à comunidade escolar.

A exposição dos trabalhos na escola e no *website* foram a etapa final de todo o projeto, o que se revelou de grande importância pelo reconhecimento e valorização do trabalho dos alunos.

V. Reflexões Finais

O facto de a professora cooperante lecionar a disciplina de Desenho A foi importante, na medida em que permitiu uma maior colaboração, facilitadora do trabalho a desenvolver. Desde o início que ficou clara a abertura para uma docência coadjuvada, enriquecedora para todos os atores envolvidos, alunos, professora cooperante e professora estagiária. Naturalmente, esta dinâmica de aula, enriquecida pela apresentação e exploração de diferentes modos de comunicar e de interação e, até, de pontos de vista diferentes sobre os conteúdos programáticos, teve em vista o maior benefício para os alunos.

Ao longo de todo o período de estágio desenvolveu-se um trabalho contínuo de proximidade com a professora cooperante, importante para o desenvolvimento da prática pedagógica.

Também a observação de aulas de outras disciplinas, em particular de Educação Visual, do 9.º ano, leccionada pela professora cooperante, e Geometria Descritiva A, do 10.º ano, disciplinas em que foram lecionadas muitas aulas em coadjuvação, permitiu o desenvolvimento de um trabalho mais consistente no que respeita a este estágio, e fundamental para a atividade docente. Aliás, é de referir que a turma onde observei/coadjuvei aulas de Geometria Descritiva A é a mesma em que lecionei a UT de Desenho A, o que permitiu observar e acompanhar os alunos em outros contextos de aprendizagem, tendo contribuído para o melhor conhecimento dos mesmos, identificando, por exemplo, outras dificuldades e/ou potencialidades.

O gosto pela ilustração e pelo seu potencial foi a inspiração inicial do projeto de estágio curricular, tendo sido apoiado em investigação sobre a ilustração, a identidade do aluno e as suas referências pessoais, a cultura visual e a literacia visual.

Com o intuito de procurar evidências da cultura visual dos alunos, promoveu-se, durante as aulas, a reflexão e discussão sobre as suas experiências e os seus gostos.

Numa época em que o mundo está em constante transformação e evolução, e em que a comunicação visual tem forte influência no quotidiano do indivíduo, torna-se necessário descodificar e interpretar esta nova realidade. Nesse sentido, são fundamentais as aprendizagens no âmbito da Educação Artística, e em particular das Artes Visuais, destacando o papel da literacia visual, determinante para o desenvolvimento da cultura visual dos jovens. Devemos educar as crianças e os jovens para que cada um possa tomar decisões críticas e esclarecidas.

A Unidade de Trabalho desenvolvida com a turma do 10.º E, do curso de Artes Visuais na disciplina de Desenho A, teve como principal objetivo contribuir para o desenvolvimento da criatividade dos alunos, tentando dar-lhes o máximo de liberdade criativa possível.

Houve preocupação em estabelecer estratégias que permitissem aos alunos desenvolver as suas competências intelectuais, o pensamento crítico e criativo, a autonomia, a sensibilidade estética e artística, a capacidade de comunicação e de resolução de problemas, bem como o espírito de interajuda/colaboração e o desenvolvimento pessoal e, naturalmente, o seu bem-estar.

Por se considerar fundamental para as aprendizagens dos alunos, foram exploradas obras de arte no decurso das aulas desta UT, para conhecimento e compreensão do processo criativo dos artistas.

As dificuldades encontradas inicialmente prendem-se com a sensação de não pertencer àquele espaço/sala de aula: não somos aluno, mas não nos sentimos o professor. Com o tempo, esta dificuldade atenuou-se. Naturalmente, este aspeto é algo que se “trabalha”. Mesmo não me sentindo como a professora titular em todos os momentos, deu para perceber que os alunos me viam como sua professora, mostrando empatia, respeito e vontade de trabalhar, solicitando e confiando na minha orientação..

O Estágio Pedagógico que decorreu na Escola Secundária Viriato constituiu um momento muito importante de aprendizagem para a docência, como professora de artes

visuais. Com o propósito de aproximar os alunos da Arte foram-lhes apresentados artistas, novos materiais e técnicas de criação. Foi-lhes dada liberdade de criação, incentivado o espírito crítico e a autonomia, a capacidade de entrega e de persistência, a par da motivação e da promoção da sua autoestima.

Na implementação da UT promoveram-se estratégias conducentes à aquisição e mobilização de conhecimentos, informações e saberes diversos, a par do conhecimento e da exploração intencional dos elementos estruturais da linguagem plástica e visual.

Por outro lado, houve a intencionalidade desde o início de promover o estabelecimento de relações intra e interdisciplinares.

A UT procurou também a valorização da exploração prática de técnicas de desenho e de expressão visual.

Implementaram-se estratégias promotoras de uma auto e hetero análise crítica, que, entre outros, permitissem compreender a intencionalidade das suas escolhas e o reconhecimento, compreensão e valorização da diferença; promoveu-se, também, a auto e hetero avaliação.

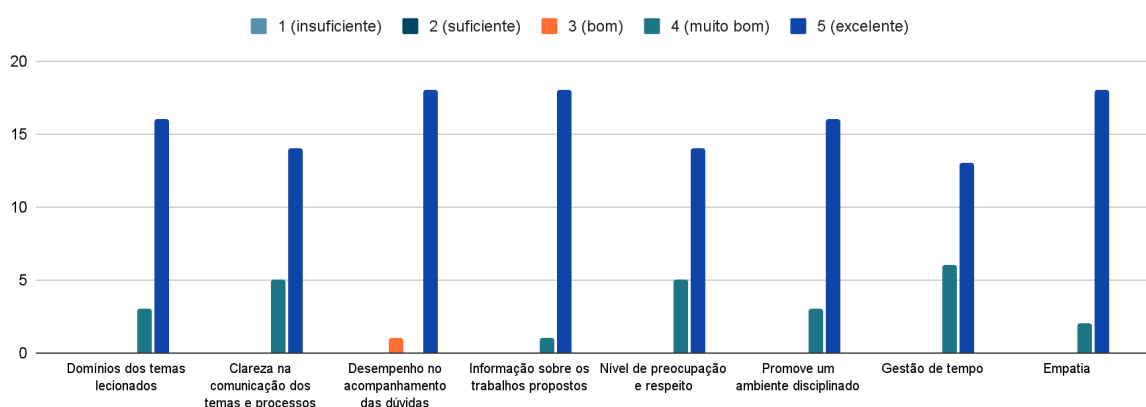
A participação em exposições coletivas, na *Semana das Artes* da escola, em que os seus trabalhos foram incluídos, concretizou alguns objetivos fundamentais, como o da realização de um trabalho coletivo (do grupo-turma e da escola) e da sua partilha com a comunidade escolar e educativa.

Assim, considero que o trabalho desenvolvido na escola foi bastante positivo. Os alunos, para além de terem conseguido alcançar os objetivos definidos na planificação da UT, mostraram empenho, ânimo e energia no desenvolvimento dos seus trabalhos, apoiando-se mutuamente, não deixando ninguém de fora. Se um aluno com o trabalho em estado mais avançado se dava conta que um colega seu estava com dificuldades, corria para o ajudar, com o seu incentivo, com a discussão e/ou sugestão de ideias. O facto de existir, entre os alunos

da turma do 10.º E, um forte espírito de entreajuda, contribuiu para um ambiente propício para a aprendizagem e para o sucesso dos alunos.

Com o intuito de conhecer a percepção dos alunos sobre o meu desempenho, apliquei uma ficha de avaliação sobre o desempenho da professora estagiária, que incluía um espaço para observações (Apêndice XIV).

Resultado Ficha de Avaliação sobre o desempenho da professora estagiária



Entende-se que o professor de artes visuais pode e, atrevo-me a dizer, deve funcionar como facilitador da criatividade, transmitindo o gosto pelo conhecimento. É necessário que, para que seja possível desenvolver a criatividade nos alunos, se crie um espaço seguro dentro da sala de aula, onde os alunos poderão, por exemplo, movimentar-se pela sala a observar os trabalhos dos colegas e a apoiar outros, ouvir música, conversar e discutir ideias, desde que não estejam a perturbar os restantes dos colegas. É importante passar a ideia de que podem arriscar e de que não há limites definidos no que respeita à criatividade, de que o medo de errar não deve coartar a sua criatividade. A experimentação é um factor muito importante quando falamos de criatividade. Estando presos a ideias *standard*, tendo medo de arriscar, não conhecerão o seu verdadeiro potencial.

O facto de esta experiência ter decorrido num ano anómalo, limitou um maior envolvimento na vida da escola, que também foi por si só anómala. As semanas de confinamento, as restrições ao contacto com os outros/distanciamento físico e social, o

cancelamento de quase todas as atividades extracurriculares presenciais, entre outros, foram fatores que impediram que pudesse pôr em prática algumas das ideias que inicialmente apresentei, de entre as quais destaco um *workshop* de criação de instrumentos e materiais de desenho e pintura com recurso a materiais naturais e recicláveis ou atividades de integração para alunos com medidas adicionais.

Tendo tido o conhecimento de alguns *webinars* (Apêndice XV) sobre temas que considerei interessantes e úteis para o desempenho da profissão docente, inscrevi-me e assisti aos mesmos. Destes destaco:

- “(Con)Viver com a COVID-19: Impacto no bem-estar e estratégias para lidar com as emoções em tempo de pandemia”, 6 de março de 2021
- “Capacitar para a relação pedagógica com os alunos encurtando@distância”, 10 de março de 2021
- “Avaliação para as aprendizagens: como e porquê?”, 11 de março de 2021
- “Ecossistema(s) de Educação Digital e Ambientes Híbridos de Aprendizagem - Um Processo de Inovação Sustentada”, 31 de março de 2021
- “Escola voltada para o desenvolvimento de competências”, 7 de abril de 2021
- “A Escola depois do E@D”, 28 de abril de 2021
- “Inteligência Artificial na Educação: o quê e quando”, 26 de maio de 2021
- “Formação de Professores: o que foi feito e o que está por fazer”, 2 de junho de 2021

VI. Referências Bibliográficas

- ACASO, M. (2009). *La educación artística no son manualidades. Nuevas prácticas en la enseñanza de las artes y la cultura visual*. Madrid: Catarata.
- AGIRRE, I., (2005). *Teorías y Prácticas en Educación Artística*. Barcelona: Octaedro Editora.
- AVGERINOU, M. D. & ERICSON, J. (1997). *A review of the concept of Visual Literacy*. British Journal of Educational Technology, Vol 28(4): 280-291.
- AVGERINOU, M. D. (2001). *Towards a visual literacy index*. In R.E. Griffin, V.S. Williams, & L. Jung (Eds.). *Exploring the visual future: Art design, science & technology* (pp. 17-26). Loretto, PA: IVLA.
- BAETENS, J. (2013). *Image and visual culture after the pictorial turn: an outsider's note*. Visual Studies, Vol. 28(2): 180-185. doi: 10.1080/1472586X.2013.801648.
- BARBERA, F. (2016). *Ensinando a ilustrar: o mundo da representação fantástica*. Revista Matéria-Prima. ISSN 2182-9756, e-ISSN 2182-9829, Vol. 4(2): 146-152.
- BARBOSA, H. (2010). *A construção da identidade pessoal realizada a partir do desenho e da cultura material*. 1er Congreso Internacional “Arte, Ilustración y Cultura Visual en Educación Infantil y Primaria: construcción de identidades”. Granada (España), 2010.
- BARBOSA, H. (2012). *A construção da identidade pessoal realizada a partir do desenho e da cultura material*. In Visibilidades: Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes, Vol. 2: 23-31. doi: 10.24981.16470508.2.4.
- CARTER, D. (2018). *The narrative of visual literacy: a framework for understanding the personal, social and diachronic aspects of learning*. Journal of Visual Literacy, Vol. 37(1): 51-65. doi: 10.1080/1051144X.2018.1436264.
- COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO (2006). *Roteiro para a Educação Artística: Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI*. Lisboa, 2006.

DEBES, J. (1969). *The loom of visual literacy: an overview*. Audiovisual Instruction, Vol. 14(8): 25-27.

GAUTHIER, C., et al. (1999). *Imagens de sedução na pedagogia. 'A sedução como estratégia profissional'*. Educação & Sociedade, ano XX, n.º 66, Abril/1999. p. 13-54.

HERNÁNDEZ, F. (2007). *Espigador@s de la cultura visual: Otra narrativa para la educación de las artes visuales*. Barcelona: Octaedro.

JESUS, P., & SANTOS, P. (2015). *Referência e apropriação: da cópia à autoria*. Revista Matéria-Prima. ISSN 2182-9756, e-ISSN 2182-9829. Vol. 3(1): 222-233.

LUBART, T. (1999). *Componential Models*. *Encyclopedia of Creativity*. . San Diego : Academic Press.

LUBART, T., & MORAES, M. C. M. (2007). *Psicologia da criatividade*. Artmed.

MARTINS, D. et al. (2012). *A Importância da Criatividade no Desenvolvimento do Indivíduo*. Revista Portuguesa de Educação Artística, Vol. 2. doi: 10.34639/rpe.v2i1.83.

MEDEIROS, E. O. (2006). *Criatividade em ambientes educativos: A criatividade na educação*. Actas do Colóquio (pp. 69-84). Açores: Universidade dos Açores – Centro de Estudos Filosóficos.

MOUCHIROUD, C. & LUBART, T. (2002). *Social creativity: A cross-sectional study of 6-to 11-year-old children*. International Journal of Behavioral Development, Vol. 26(1): 60-69. doi: 10.1080/01650250042000591a.

OSTROWER, F. (2001). *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis, Vozes, 1987. (1.ª edição publicada por Imago Editora Ltda. em 1977).

PENIM, L. (2003). *Da Disciplina do Traço à Irreverência do Borrão*. Livros Horizonte, Lda. Lisboa.

RAMOS, A. (Coord.), et al. (2001). *Programa de Desenho A 10º ano*. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário. Disponível em:

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Secundario/Documentos/Documentos_Disciplinas_novo/Curso_de_Artes_Visuais/desenho_a_10.pdf.

ROCKMAN, D. (2000). *The Art of Teaching Art: A Guide for Teaching and Learning the Foundations of Drawing Based-Art*. New York: Oxford University Press, Inc. ISBN: 0-19-513079-0.

SALDANHA, A. & EÇA, T. T. (2016). *Artes Visuais na Educação*. Viseu: Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual. Disponível em: https://www.apecv.pt/pubs/Arte_nas-Escolas.pdf.

SINGER, A. J., MURPHY, M. & HINES M. S. (2003). *Teaching to Learn, Learning to Teach: A Handbook for Secondary School Teachers*. Mahwah, New Jersey: L. Erlbaum Associates.

SILVA, M. (2014). *Por que copiar Leonardo? O Ensino do Desenho como inscrição de uma Potência e a construção de subjetividades*. In *Visibilidades: Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes*, Vol. 6: 117-126. doi: 10.24981.16470508.6.11.

SOUZA, F. (2018). *Repensando Identidades na Cultura Visual e no Ensino das Artes Visuais*. HOLOS, Vol. 7: 77-90. doi: 10.15628/holos.2018.4759.

STEIN, M. I. (1974). *Stimulating creativity: Individual procedures*. San Diego, CA: Academic Press.

STERNBERG, R. J. & LUBART, T. I. (1999). *The Concept of Creativity: Prospects and Paradigms*. in “Sternberg, R.J. (Ed.). *Handbook of Creativity*”. Cambridge University Press.

STERNBERG, R. J. & WILLIAMS, W. M. (2003). *Como Desenvolver a Criatividade do Aluno*. Porto: Coleção Cadernos do CRIAP: Asa Editores.

VERNON, P. E. (1989). *The nature-nurture problem in creativity*. in J. A. Glover, R. R. Ronning, & C. R. Reynolds (Eds.), “*Perspectives on individual differences. Handbook of creativity*” (p. 93–110). Plenum Press.

WECHSLER, S. M. (2008). *Criatividade: Descobrendo e Encorajando* (3.^a Edição). São Paulo: IDB.

Referências Legislativas

Lei de Bases do Sistema Educativo. Lei n.º 46/86. Diário da República n.º 237/1986, Série I de 1986-10-14.

Documentos Estruturantes da Escola Secundária Viriato

Plano Anual de Atividades (2018-2019). Disponível em http://www.esviriato.pt/_institucional/documentos/2018_19_PAA_%C3%BAltima%20vers%C3%A3o%20at%C3%A9%2023%20mar%C3%A7o.pdf.

Plano Anual de Atividades (2019-2020). Disponível em http://www.esviriato.pt/_institucional/documentos/2019_20_PAA.pdf.

Plano Anual de Atividades (2020-2021). Disponível em http://www.esviriato.pt/_institucional/documentos/PAA_2020-21.pdf.

Plano de Melhoria (2019-2020). Disponível em http://www.esviriato.pt/_institucional/documentos/2019_PM.pdf.

Projeto Educativo de Escola (2016-2019) [documento que se encontra em revisão no presente ano letivo de 2020-2021]. Disponível em http://www.esviriato.pt/_institucional/documentos/2016_19_PEE.pdf.

Regulamento Interno (novembro de 2017) [documento que se encontra em revisão no presente ano letivo de 2020-2021]. Disponível em http://www.esviriato.pt/_institucional/documentos/2017_09_RIE_atualiza%C3%A7%C3%A3o%20nov.%202017%20-%20ALTERA%C3%87%C3%83O%20ANEXO%20I_nov%202019.pdf.

Relatório Final do Plano Anual de Atividades (2018-2019). Disponível em http://www.esviriato.pt/_institucional/documentos/2017_18_PAA_RF.pdf.